

Evolução e perfil da balança comercial do Nordeste

Laura Lúcia Ramos Freire¹
Liliane Cordeiro Barroso²

1. Introdução

São diversas as possibilidades de relações econômicas entre países, dentre elas, encontra-se o Comércio Internacional. Caracterizado pela troca de bens e serviços, este é composto pela exportação, quando um país vende produtos e serviços a outro e, pela importação, quando o país compra do exterior.

O registro sistemático das transações econômicas entre residentes e não residentes de um País, em determinado período de tempo, se dá através do Balanço de Pagamentos que, em sua estrutura, contempla a conta Balança Comercial, objeto de estudo central deste trabalho.

A Balança Comercial consiste no registro das transações de venda (exportação) e compra (importação) apenas de bens, ou seja, os serviços estão excluídos desta conta. Conforme a 6ª Edição do Manual do Balanço de Pagamentos (BPM6), os bens são ativos reais e tangíveis, definidos como itens físicos e produzidos, sobre os quais direitos de propriedade podem ser estabelecidos e transferidos de uma unidade institucional para outra por meio de transações (FMI, 2009).

A atividade de comércio internacional foi evoluindo juntamente com o próprio desenvolvimento do sistema econômico. Na medida em que este foi crescendo em intensidade, interação e complexidade, aquela acompanhou, refletindo seu dinamismo. Portanto, desde a Antiguidade, embora incipiente, o comércio entre as diversas civilizações sempre existiu, mas cresceu como consequência natural da expansão geográfica no mundo, como as resultantes das Grandes Navegações, das invenções e dos avanços tecnológicos que proporcionaram rapidez e redução nos custos de comunicação e transporte, dentre outros fatores que permitiram que esta se tornasse uma atividade econômica cada vez mais dinâmica e lucrativa.

Buscando sistematizar um conhecimento capaz de compreender melhor suas motivações, causas e efeitos sobre as nações, surgiram as Teorias do Comércio Internacional. Inaugurada em 1776, com a publicação de *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, a Teoria das Vantagens Absolutas preconizava que as trocas entre países beneficiavam tanto exportadores quanto importadores (CASSANO, 2002).

Para tanto, cada país deveria concentrar sua produção naquilo que possuísse menor custo absoluto de produção (em termos do valor trabalho), exportando o excedente, o que lhe permitiria adquirir produtos de outro país a um custo menor do que seria necessário para produzi-los internamente. O efeito seria a ampliação no volume total de consumo em cada país, com custos menores para ambos, aumentando a produtividade a partir da melhor eficiência alocativa. Assim, o comércio passa a ser entendido como uma forma de estimular o crescimento econômico dos países.

Aperfeiçoando a análise, em 1817, David Ricardo elabora a Teoria das Vantagens Comparativas. De acordo com este modelo, os custos comparativos são determinados pela produtividade relativa do

¹Economista, Coordenadora de Estudos e Pesquisas, Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, BNB/ETENE.

²Economista, Coordenadora de Estudos e Pesquisas, Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, BNB/ETENE.

trabalho entre as diversas atividades desenvolvidas em um país. As variações na produtividade entre os países adviriam, principalmente, de diferenças tecnológicas entre eles. Assim, o país deveria concentrar sua produção naquele bem, cujo custo relativo fosse inferior aos dos demais por ele mesmo produzido. Isto lhe proporcionaria ganhos na troca internacional de bens, melhorando seu padrão de produção e consumo.

Conforme salienta Gonçalves (1997), as principais teorias de comércio internacional baseiam-se, em sua maioria, nos princípios das vantagens comparativas, ou seja, supõem serem as trocas internacionais de bens o resultado das diferenças, entre os países, em termos de custos relativos e, conseqüentemente, de preços relativos. Para Fontenele e Melo (2004), a proposição de que as vantagens comparativas são as causas dos ganhos do comércio é muito forte e permeia as discussões ainda nos dias atuais.

Um século após a publicação de Ricardo, Eli Heckscher, em 1919, deu início à teoria neoclássica do comércio internacional. Posteriormente desenvolvida por Ohlin (1924) e Samuelson (1948), esta análise tornou-se conhecida como a teoria de Heckscher-Ohlin ou a teoria de Heckscher-Ohlin-Samuelson. Neste caso, as diferenças na dotação de fatores de produção entre países (originariamente, capital e trabalho) são o principal determinante das vantagens comparativas. Um país deverá produzir, relativamente, maior quantidade dos bens que necessitam de fatores que estão disponíveis em maior abundância internamente. Estes bens serão exportados e, serão importados, os produtos intensivos em fatores escassos em seus países. Nesse modelo, o comércio levaria à equalização dos preços dos fatores de produção entre os países.

Baseada no estudo pioneiro de Posner (1961), a teoria do hiato tecnológico ou modelo da defasagem tecnológica questiona esta abordagem e ressalta a influência da mudança tecnológica no comércio internacional. Com inspiração schumpeteriana, a teoria atesta que o comércio é possível mesmo entre países que utilizam fatores de produção na mesma proporção, mas ocorrendo graças a mudanças tecnológicas em algumas indústrias (FONTENELE e MELO, 2004).

Para esse modelo, o processo de inovação cria vantagens tecnológicas específicas a um dado país enquanto os produtores de outros países (competidores em potencial) não respondem através da imitação à inovação. O desempenho das exportações dependerá das diferenças de custos comparativos induzidos pela mudança tecnológica e do tempo em que durar a defasagem para a imitação (GONÇALVES, 1997).

A abordagem sobre mudanças na vantagem comercial de um país a partir da inovação foi melhor desenvolvida por Vernon (1966), no modelo de “ciclo de vida do produto”: inovação, maturidade e padronização. Na primeira fase, a produção se dá nos países de origem da inovação que também exportam para países com condições similares, alta renda e substancial capacidade tecnológica. Na maturação do produto, a exportação se difunde para os mais diversos países. Na padronização, a produção pode ser transferida a países menos desenvolvidos, aproveitando os menores custos dos fatores de produção e a exportação se dará a partir destes.

Dentro da mesma corrente, Dosi, Pavitt e Soete (1990), partindo do arcabouço teórico neoschumpeteriano, atestam que as vantagens usufruídas pelo inovador podem se revelar muito mais duradouras, ao criarem uma base de acumulação tecnológica. Nesse modelo, os hiatos tecnológicos são definidos pelas diferenças nas técnicas e nos produtos a partir da descoberta, aprendizado, imitação e melhora. Estes hiatos resultariam das diferenças nas capacidades inovadoras, pelas origens e usos das inovações, pelas estratégias corporativas e pelas condições institucionais. Estes aspectos seriam decisivos na determinação da participação de cada país nos fluxos do comércio internacional (FONTENELE e MELO, 2004).

A nova teoria do comércio internacional tem em Paul Krugman (1994) seu principal expoente. Esta consiste na interconexão de importantes abordagens: retornos crescentes de escala, concorrência imperfeita como forma dominante de mercado e a importância da acumulação capital-tecnológica local. Nesta análise, a aprendizagem tecnológica e o investimento em P&D tornam dinâmicas as economias de escala, com retornos crescentes, estimulando a especialização e a comercialização entre países, mesmo que estes sejam idênticos em gostos, dotação de fatores e tecnologias. No modelo de concorrência monopolística, o comércio internacional pode ser dividido em intra-industrial e interindustrial, o primeiro refletindo as economias de escala e o segundo as vantagens comparativas (FONTENELE e MELO, 2004 e GONÇALVES, 1997).

Estes modelos fomentam as discussões sobre o funcionamento do comércio internacional que, com a intensificação do processo de globalização, desregulamentação dos mercados e internacionalização da produção, viabilizados pelas transformações tecnológicas, tem se organizado sob a forma de “cadeias globais de valor” (CGV). Estas consistem na separação do processo de produção em várias etapas, realocando-as para tirar proveito das diferenças de preços relativos em todo o mundo. Os estudos sobre as CGV destacam as principais forças por trás do desmembramento internacional da produção: vantagens comparativas, diferenças nos preços dos fatores de produção e os custos globais de coordenar as atividades e movimentar os vários insumos entre países. Um dos principais aspectos dessa análise consiste em identificar a participação de cada país no valor agregado dessa rede de produção globalmente integrada (ESTEVADEORDAL, BLYDE e SUOMINEN, 2013).

Nesta perspectiva, cabe destacar os possíveis benefícios advindos da realização da atividade de comércio internacional. Estes podem estar relacionados à economia de um país como um todo, tais como, incentivo ao investimento produtivo e consequente crescimento econômico puxados pelas exportações, gerando emprego, renda e divisas; acesso a maior diversidade de mercadorias; aquisição de bens a menores custos e maior exposição concorrencial que estimula a busca interna por competitividade.

Observando os efeitos especificamente para as empresas, destacam-se: ampliação do mercado, venda de excedentes, aumento da produtividade/competitividade, incentivo à inovação, acesso a insumos e matérias-primas. Para as famílias, cabe frisar o acesso a maior variedade de bens e serviços.

Contudo, para que estes benefícios se concretizem, os países/empresas precisam estabelecer estratégias, constantemente, para manter/ampliar as vantagens comparativas e competitivas de produtos e serviços. Caso contrário, a concorrência internacional poderá se configurar em uma ameaça à economia local.

A inserção do Brasil e de suas empresas, neste contexto, reflete seu estágio de desenvolvimento econômico e capacitação tecnológica. Embora se posicione como a 7ª economia do mundo (PIB em dólar por paridade do poder de compra), a participação do País nas exportações mundiais representou 1,2% do total transacionado, em 2017. Na verdade, a última vez que ganhou posição nesse ranking foi em 2011, quando representou 1,4% da fatia global, conforme dados da Organização Mundial do Comércio (MDIC, 2018).

É possível admitir que a pequena participação brasileira nas vendas mundiais reflete o menor grau de desenvolvimento econômico e tecnológico do País, se comparado ao de países que abrangem maior parcela desse total.

Esta mesma análise pode ser levada para a observação das relações comerciais das regiões brasileiras com o exterior ou, mais especificamente, do Nordeste, objeto de interesse central deste trabalho. A Região vem apresentando um quadro de sucessivos déficits no saldo comercial, no período recente, na contramão dos resultados nacionais. Diante disso, identificou-se a necessidade da realização de um estudo para melhor compreender as causas desses vazamentos.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a evolução recente da atividade de comércio exterior da Região Nordeste, com vistas a identificar as causas de seus déficits e de potenciais mudanças no perfil de sua estrutura.

Para tanto, após essa rápida revisão teórica exposta acima, pretende-se, inicialmente, analisar a evolução da balança comercial brasileira e nordestina durante o período de 2008 a 2017. Em seguida, os fluxos comerciais da Região serão analisados segundo os seguintes recortes: setores produtivos, destino das exportações e origem das importações; grandes categorias econômicas; fator agregado e intensidade tecnológica. Serão utilizadas, como fonte de informação, as bases da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX) e do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio (MIDIC).

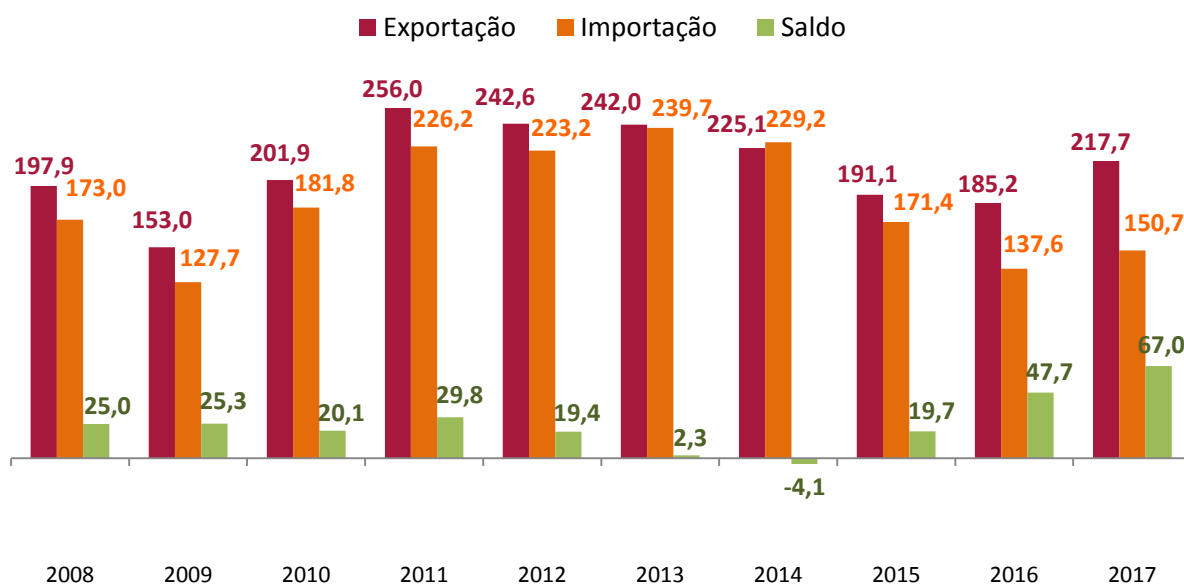
Vale ressaltar que os dados aqui apresentados têm como unidade de medida monetária, dólares FOB (*Free on Board*) que incluem custos de transporte até o navio que segue para o país importador, a preços correntes sem ajustes sazonais.

2. Evolução da balança comercial brasileira e nordestina

A balança comercial de um país/região expressa a diferença entre as exportações e as importações de bens/mercadorias. Se o valor total exportado é maior que o importado, há superávit ou saldo positivo para o país/região nas suas transações comerciais com o exterior. Por outro lado, se as importações são maiores que as exportações, há déficit ou saldo negativo.

O saldo da balança comercial brasileira, no período 2008 a 2017 (Gráfico 1), apresenta sucessivos superávits, com exceção do ano de 2014, quando o deficit foi de US\$ 4,0 bilhões, de acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Neste ano, em relação ao ano anterior, as exportações brasileiras (US\$ 225,1 bilhões) caíram 7,0% acompanhadas de uma redução menor de 4,4% das importações (US\$ 229,2 bilhões). Dentre as causas deste desempenho negativo estão a queda no preço das *commodities* (minério de ferro, milho e soja) e cenário internacional desfavorável, com destaque para a recessão econômica da Argentina.

Gráfico 1 - Brasil: Exportação, importação e saldo (em US\$ bilhões FOB) - 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do MDIC (2018).

Cabe observar que após a crise econômico-financeira que afetou as relações comerciais brasileiras, especialmente em 2009, tanto exportações quanto importações registram crescimento, em 2010 e 2011 (Gráfico 1), quando atingiu o ápice do período, em termos de exportação (US\$ 256,0 bilhões) e de corrente de comércio³ (US\$ 482,3 bi). Desde então, as exportações caíram, o mesmo acontecendo com as importações, a partir de 2013. O dinamismo comercial brasileiro tomou novo fôlego em 2017. Neste intervalo, a melhora no saldo, em 2015 e 2016, se deu não pelo aumento nas exportações, mas pelas quedas mais expressivas nas importações.

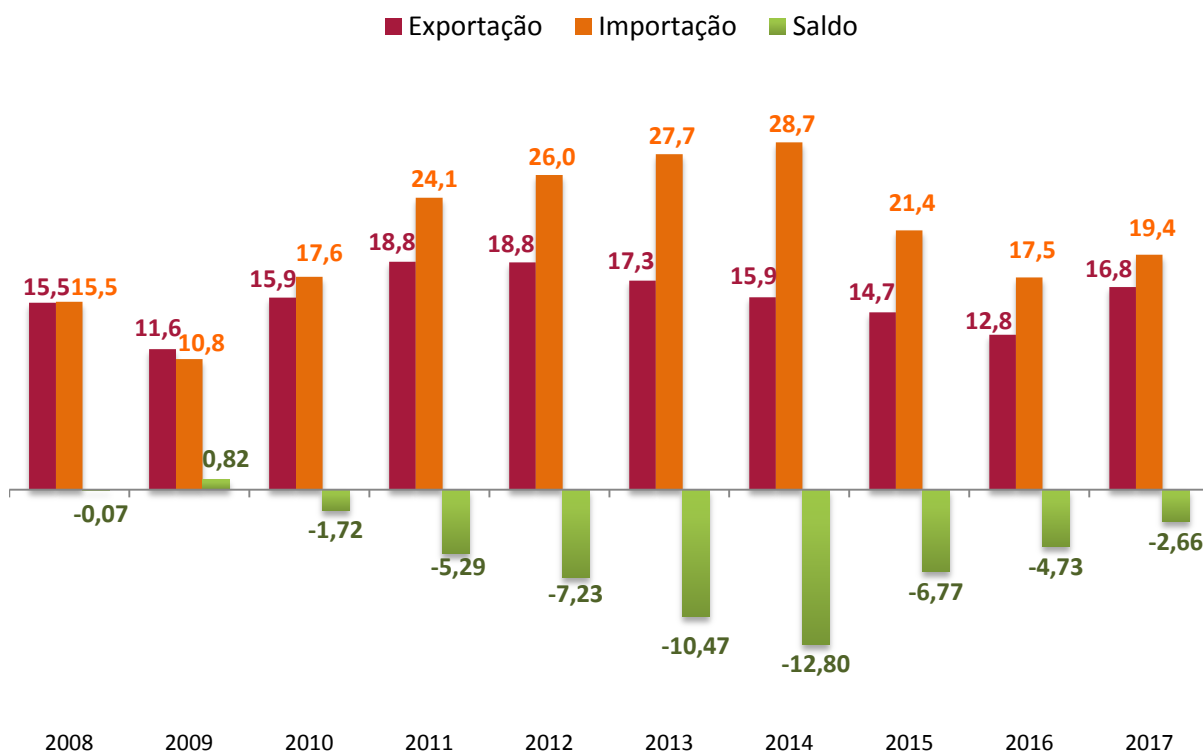
³ Corrente de comércio refere-se à soma dos valores das exportações e das importações, permitindo observar a intensidade do relacionamento comercial com o exterior.

Em 2017, crescem tanto exportação quanto importação, melhorando o relacionamento comercial do País com o exterior, o que proporcionou um elevado superávit na balança (US\$ 67,0 bilhões). Este registrou o maior valor desde 1989, ano do início da série histórica, sendo 40,5% superior ao alcançado em 2016 (US\$ 47,7 bilhões). As vendas externas do País totalizaram US\$ 217,7 bilhões, 17,5% a mais em relação aos números obtidos no ano anterior (US\$ 185,2 bilhões). As importações atingiram US\$ 150,7 bilhões, 9,6% a mais em comparação com as compras externas de 2016 (US\$ 137,6 bilhões). Contudo, o total exportado em 2017 encontra-se 15,0% abaixo do valor de pico de 2011 e as importações, 39,3% abaixo do recorde de 2013. Em termos de corrente de comércio, a atividade brasileira, de 2017, está 23,6% menor do que a realizada em 2011 (ápice do período).

Estes números mostram que, apesar do superávit de 2017, houve perda de participação do país em suas relações comerciais com o exterior, de tal forma que precisará recuperar a economia interna para incrementar sua capacidade de importação, mas, ao mesmo tempo, se mantém dependente da melhoria nos preços de sua pauta de exportação, em especial das *commodities*, já que não foi capaz de incrementar seu potencial competitivo, durante o período em análise.

Já a balança comercial nordestina (Gráfico 2) registrou, no período em análise, superávit apenas em 2009 (US\$ 820,6 milhões), ano em que registrou o menor nível de exportação e de importação, ou seja, menor intensidade no relacionamento internacional, resultado da crise financeira global. Frente a 2008 (saldo de -US\$ 74,9 milhões), as exportações retrocederam 24,8% e as importações registraram uma queda um pouco maior, 30,5%.

Gráfico 2 - Nordeste: Exportação, importação e saldo (em US\$ bilhões FOB) - 2008 a 2017



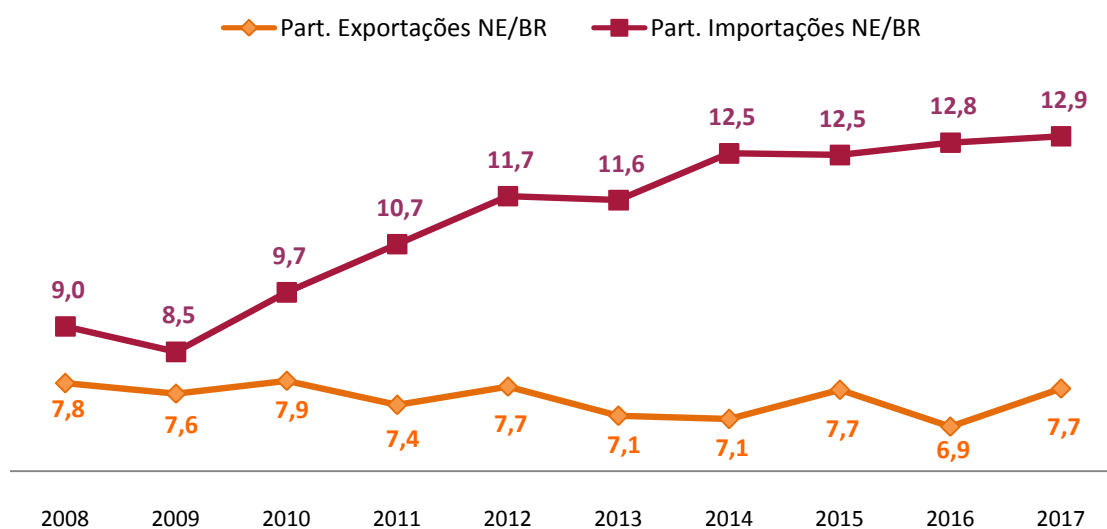
Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do MDIC (2018).

Assim como ocorreu na média nacional, as exportações nordestinas cresceram em 2010 e 2011 e só retomaram o crescimento em 2017. Já as importações, aumentaram até 2014, quando o déficit comercial alcança seu ápice (-US\$ 12,8 bi), voltando a se elevar apenas em 2017 (Gráfico 2). Entre 2015 e 2016, o déficit decaiu diante da redução maior nas importações do que nas exportações. Em 2017, houve um incremento de 30,8% nas exportações (US\$ 16,8 milhões) e de 10,7% nas importações (US\$ 19,4 milhões), frente às contas de 2016, e o saldo negativo baixou para-US\$ 2,7 milhões.

Mas, foi em 2013, ano do segundo maior déficit do período (-US\$ 10,5 bi), que o Nordeste demonstrou um relacionamento mais intenso com o exterior, se observada a corrente de comércio (US\$ 45,0 bilhões). Em 2017, com saldo negativo mais reduzido (US\$ -2,7 bi), este fluxo (US\$ 36,2 bi) se mostrou 19,6% menor do que o realizado em 2013. Por seu turno, as exportações estão 11,1% menores do que o recorde de 2011 (US\$ 18,8 bi) e as importações 32,4% abaixo do recorde de 2014. Estes valores apresentam a defasagem do desempenho comercial nordestino em relação ao seu potencial já desempenhado em anos recentes. E, ao mesmo tempo, revelam que o saldo melhor na balança, não necessariamente, representa um maior dinamismo comercial local.

Para o mesmo período, a participação do Nordeste no comércio exterior brasileiro pode ser observada a partir do Gráfico 3. Verifica-se que a Região dá maior parcela de contribuição às importações do que às exportações nacionais. Em 2008, as importações nordestinas responderam por 9,0% do total do País. No geral, este percentual mostrou trajetória de crescimento, chegando, em 2017, ao seu maior patamar, 12,9%. Já as exportações nordestinas, com comportamento mais estável, representavam 7,9%, do total nacional, vendido ao exterior, em 2010, e ficaram com 7,7% desse total, em 2017.

Gráfico 3 - Nordeste: Participação nas exportações e importações totais do Brasil (em %) - 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do MDIC (2018).

Assim, partícipes de um comércio exterior e, mais especificamente, de um mercado exportador pouco dinâmico, no que se refere à esfera nacional, as exportações da Região Nordeste não foram capazes de avançar em termos de contribuição ao total do País, durante o período em estudo. Já as importações nordestinas avançaram na composição regional das compras externas brasileira.

3 Balança comercial nordestina segundo setores econômicos

A análise da balança comercial nordestina desagregada segundo os setores econômicos está baseada na classificação elaborada pela FUNCEX que, a partir de um tradutor desenvolvido parcialmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relaciona os produtos NCM-8 dígitos (versão Nomenclatura Comum do Mercosul-NCM de 2007) exportados e/ou importados aos setores de atividade que os produzem, discriminados de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas 2.0 (CNAE 2.0) do IBGE.

São consideradas como setores de atividades as divisões (desagregação a 2 dígitos) da CNAE 2.0. Dentre estas, foram consideradas apenas as 30 divisões ou setores produtores de mercadorias, a saber: agricultura e pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura; indústrias extrativas (envolvendo 4 setores), e indústria de transformação (com 23). Foi incluída, ainda, uma divisão adicional que reúne produtos com algum erro de identificação. O Quadro 1 apresenta os setores que estão sujeitos à análise⁴ no presente capítulo.

Quadro 1 - Setores de atividades analisados

Seção / Divisão segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas - Versão 2.0	
A: Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	
1	Agricultura, pecuária e serviços relacionados
2	Produção florestal
3	Pesca e aquicultura
B: Indústrias extrativas	
5	Extração de carvão mineral
6	Extração de petróleo e gás natural
7	Extração de minerais metálicos
8	Extração de minerais não metálicos
C: Indústrias de transformação	
10	Fabricação de produtos alimentícios
11	Fabricação de bebidas
12	Fabricação de produtos do fumo
13	Fabricação de produtos têxteis
14	Confecção de artigos do vestuário e acessórios
15	Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados
16	Fabricação de produtos de madeira
17	Fabricação de celulose, papel e produtos de papel
18	Impressão e reprodução de gravações
19	Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis
20	Fabricação de produtos químicos
21	Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos
22	Fabricação de produtos de borracha e de material plástico
23	Fabricação de produtos de minerais não metálicos
24	Metalurgia
25	Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos
26	Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos

⁴ Ver nota metodológica: Funcex. Notas explicativas para as Características dos Produtos. Classificação de produtos segundo Divisões da CNAE (CNAE 2 dígitos). Disponível em: http://www.funcexdata.com.br/br/notas/nv2_setorativsegcnae2dig.pdf.

27 Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos
 28 Fabricação de máquinas e equipamentos
 29 Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias
 30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores
 31 Fabricação de móveis
 32 Fabricação de produtos diversos
Produtos não classificados
 100 Não classificados

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Vale ressaltar que, conforme observado na classificação acima, são destacados, na análise, apenas os produtos caracterizados como internacionalmente comercializáveis (*tradables*), representados por bens materiais, em contraposição aos serviços, considerados como não comercializáveis internacionalmente (*non-tradables*), devido a sua natureza não material.

A Tabela 1 apresenta os valores, em milhões de dólares, das exportações, importações e o saldo da balança comercial da Região Nordeste no período de 2008 a 2017, detalhados segundo os setores econômicos.

Tabela 1 - Exportação, importação e saldo segundo os setores econômicos (em US\$ milhões) - Nordeste- 2008 a 2017

Setor Econômico	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Exportação	15.452	11.616	15.868	18.830	18.773	17.270	15.914	14.655	12.814	16.761
Agricultura, Pecuária, Produção florestal, pesca e aquicultura	1.761	1.747	1.848	2.526	2.815	2.451	2.724	3.024	1.804	3.095
Indústrias Extrativas	877	253	1.644	1.164	755	133	193	221	291	324
Indústria de Transformação	12.551	9.447	12.088	14.806	14.850	14.438	12.738	11.255	10.598	13.209
Não Classificados	263	169	288	334	353	248	259	155	120	133
Importação	15.526	10.796	17.579	24.156	26.007	27.740	28.724	21.427	17.540	19.420
Agricultura, Pecuária, Produção florestal, pesca e aquicultura	807	489	714	1.043	936	1.216	876	753	842	826
Indústrias Extrativas	1.274	993	1.682	1.593	1.226	2.144	2.512	3.445	1.876	2.068
Indústria de Transformação	13.446	9.313	15.183	21.518	23.841	24.376	25.334	17.228	14.822	16.526
Não Classificados	0	1	0	1	3	4	1	0	0	0
Saldo	-75	821	-1.711	-5.325	-7.233	-10.470	-12.810	-6.772	-4.726	-2.659
Agricultura, Pecuária, Produção florestal, pesca e aquicultura	954	1.258	1.134	1.483	1.879	1.236	1.848	2.270	963	2.269
Indústrias Extrativas	-397	-740	-38	-430	-472	-2.011	-2.319	-3.224	-1.585	-1.744
Indústria de Transformação	-895	134	-3.095	-6.712	-8.991	-9.938	-12.596	-5.973	-4.224	-3.317
Não Classificados	263	168	288	333	350	244	258	155	120	133

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEX DATA (2018).

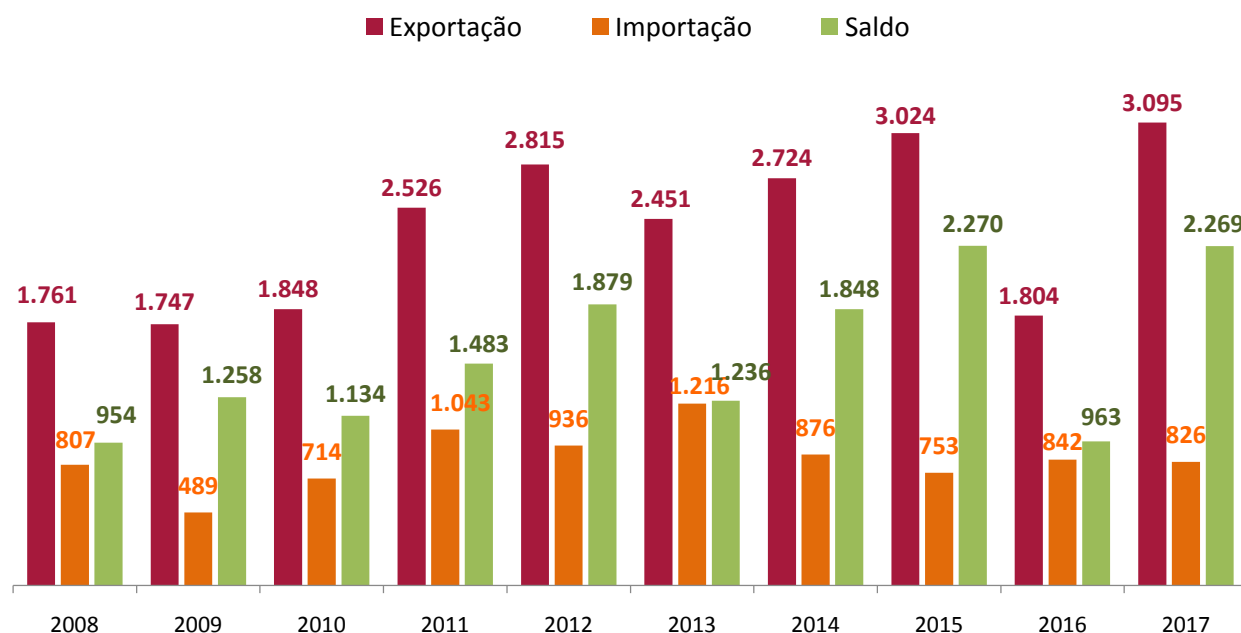
As exportações nordestinas se concentram na indústria de transformação. Em 2017, esta respondeu por 78,8% do total exportado pela Região, consistindo, porém, numa redução de 2,4 p.p. comparativamente à sua participação em 2008 (81,2%). Em relação ao valor das vendas, observou-se, contudo, um aumento de 5,2%, entre os dois anos considerados. Já a seção de Agricultura, Pecuária, Produção florestal, Pesca e Aquicultura foi a única a ganhar participação, ocupando o segundo lugar em importância. Sua contribuição cresceu 7,1 p.p. entre 2008 (11,4%) e 2017 (18,5%), embarcando, em valor, 75,8% a mais do que em 2008. A indústria extrativa participou com apenas 1,9% das exportações de 2017, perdendo 3,7 p.p. em relação a 2008.

A indústria de transformação também domina a pauta pelo lado das importações (85,1%, em 2017), mas perdeu participação frente a 2008 (86,6%). Esta seção, contudo, mostrou elevação de 22,9% no valor das compras externas, no período. Em seguida, destaca-se a indústria extrativa, única a ganhar

participação entre 2008 (8,2%) e 2017 (10,7%). Para o mesmo período, as compras, a partir deste setor, cresceram 62,4%. Os setores de Agricultura, Pecuária, Produção florestal, Pesca e Aquicultura representaram 4,3% das compras de 2017, com perda de participação frente a 2008 (5,2%).

Deve-se ressaltar que o setor de Agricultura, Pecuária, Produção florestal, Pesca e Aquicultura foi o único a contribuir com saldo positivo para a balança comercial nordestina, no período em análise. Em 2017, este registrou seu maior nível de exportação (US\$ 3.095 milhões) e o segundo maior saldo (US\$ 2.269 milhões), desde 2008 (Gráfico 4). As exportações deste segmento apresentaram tendência de alta durante os anos em questão, enquanto as importações mantiveram níveis aproximados, favorecendo o resultado crescente na balança.

Gráfico 4 - Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões) - 2008 a 2017



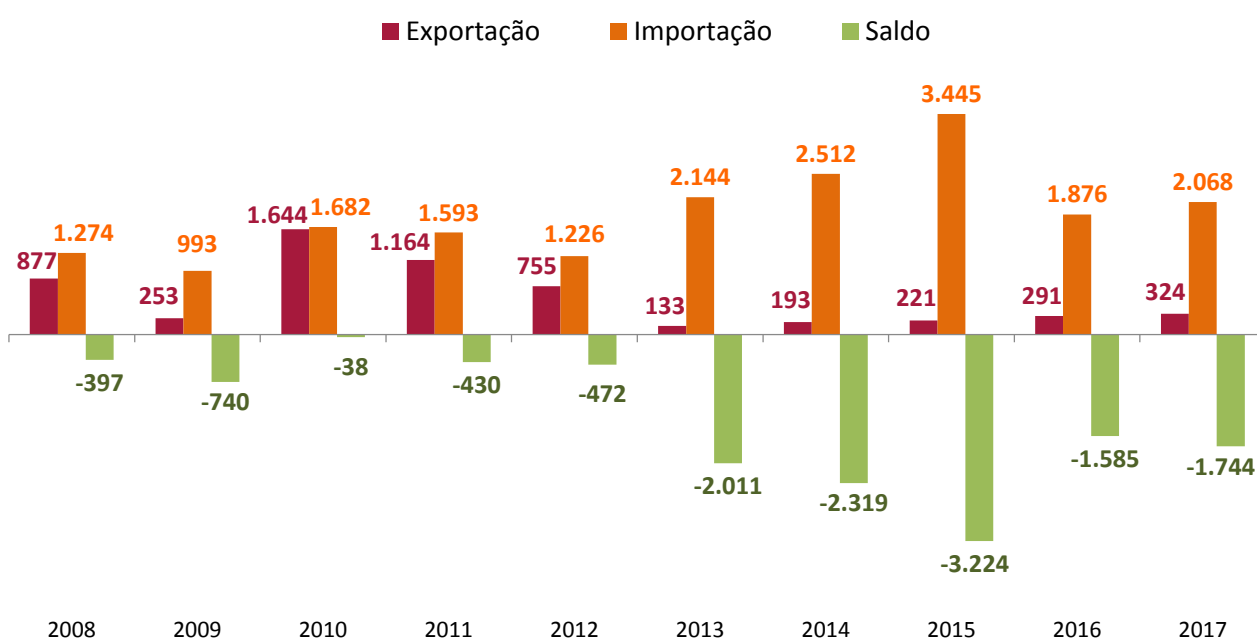
Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

A agricultura e pecuária representou 96,2% das exportações desta seção de atividade, em 2017 e oscilou em torno de uma média de 95,1%, entre 2008 e 2017. O cultivo de soja é a principal atividade exportadora desta categoria, responsável por 13,1% do total vendido pela Região, em 2017, e por 74% das vendas desta seção. A produção florestal teve participação de 3,3% nesta seção, em 2017, no menor nível para o período analisado, que registrou uma média de 4,4%. A pesca e aquicultura tem a menor expressão dentre os setores, responsável, em média, por apenas 0,48% das exportações.

A contribuição da agricultura e pecuária nas importações desta seção de atividade é ainda mais expressiva (98,4%, em 2017). Na verdade, as compras internacionais da Região, a partir deste segmento, se concentram na atividade de cultivo de cereais (75% das importações da seção). Produção florestal (0,8%) e pesca e aquicultura (0,3%) têm participação pouco considerável, embora esta última tenha apresentado crescimento de 3.874% entre as compras de 2008 (US\$ 151,5 mil) e 2017 (US\$ 6,0 milhões).

As exportações da indústria extrativa observaram dois anos de pico, em 2010 (US\$ 1.644 milhões) e 2011 (US\$ 1.164 milhões), o que contribuiu para amenizar o déficit na balança do setor. Nos anos seguintes, houve perda de ritmo das exportações que passaram a patamares mais reduzidos. Ao mesmo tempo, houve expressivo crescimento das importações que atingiram um ápice em 2015 (US\$ 3.445 milhões), ano de maior déficit na balança do setor (-US\$ 3.224 milhões). Assim, pode-se afirmar que entre 2013 e 2017, a indústria extrativa nordestina praticamente não exportou, mas importou relativamente muito, de tal forma que vendas deprimidas associada ao avanço nas importações mantiveram elevado o saldo deficitário na sua balança (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Indústrias extrativas: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões) - 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Os diversos setores que compõem essa seção de atividade apresentaram fortes oscilações na contribuição da balança comercial do segmento, chegando a mudar o perfil da composição da mesma ao longo do período em análise. Em 2008, a extração de minerais metálicos correspondia a 78% das exportações da indústria extrativa. Apesar da queda em 2009, este percentual aumentou entre 2010 e 2012, chegando a 92% do total, em 2012. Desde então, houve perda de participação deste setor, chegando, em 2017, a 16% das exportações da seção.

Em termos de valor exportado, houve perda de 92,5%, entre 2008 (US\$ 683 milhões) e 2017 (US\$ 51 milhões). Tal redução refletiu, em especial, a substituição das exportações da extração do minério de ferro não aglomerado por ferro fundido bruto e minério de ferro aglomerado, produtos da indústria de transformação.

Também dominando a pauta de importação, a extração de minerais metálicos (70% das importações da indústria extrativa, em 2008) perdeu percentual, mas ainda representa o principal setor de compras do exterior, com 43%, em 2017. Nesta balança, de extração de minerais metálicos, o valor

das exportações caiu significativamente, enquanto o das importações oscilou menos, fazendo deste um setor deficitário, pelo menos, desde 2013.

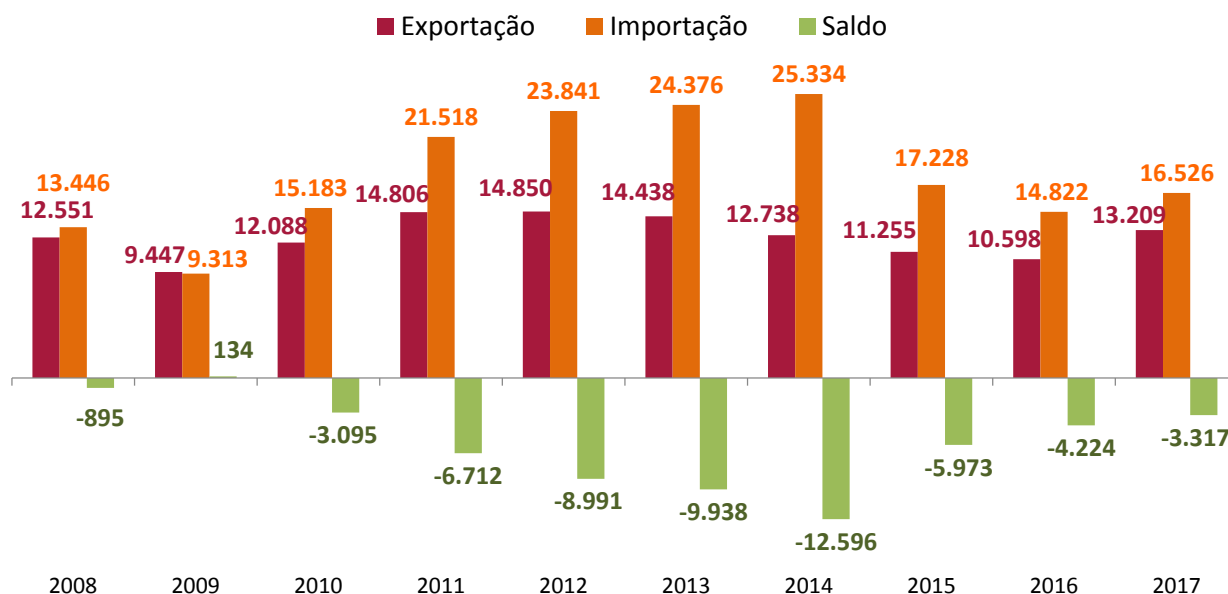
Saindo de 10%, em 2008, a contribuição dos minerais não metálicos para a exportação da indústria extrativa mostrou crescimento significativo desde 2013, passando a dominar a pauta em 2017 (70%). A participação deste setor nas importações tem se mostrado relativamente estável, conferindo crescentes superávits nesta atividade desde 2014.

Em geral, a extração de petróleo e gás natural conferiu reduzida contribuição à exportação nordestina no período em análise. Alcançou um ápice de 35% das vendas da indústria extrativa em 2009, mas nada exportou nos anos de 2012 a 2015. Apenas em 2016 (25%) e 2017 (14%) voltou a ter participação nas exportações. Em compensação, as importações ganharam destaque entre 2012 e 2015, quando chegaram a representar 62% da pauta extrativa. O setor perdeu posição, em seguida, ficando na terceira colocação, com 23% do total. Contudo, a extração de petróleo e gás natural tem saldo negativo em todos os anos considerados, contribuindo sobremaneira para o déficit comercial nordestino.

A extração de carvão mineral não participa das exportações nordestinas, mas apresentou importância crescente, quando se trata das importações. Em 2016 (16%) ganhou maior representatividade, chegando ao segundo principal setor importador da indústria extrativa em 2017 (32%). Desta forma, contribui para o saldo negativo da balança da Região.

A indústria de transformação registrou saldo comercial positivo apenas em 2009 (Gráfico 6), quando considerado o período de análise (2008 a 2017). As exportações deste setor apresentaram um comportamento relativamente estável durante esse período (média de US\$ 12.598 milhões), enquanto as importações cresceram de forma ininterrupta entre 2010 (US\$ 15.186 milhões) e 2014 (US\$ 25.334 milhões), ficando em patamares menores desde então (em torno de US\$ 16.192 milhões, em média). Em geral, pode-se afirmar que o movimento das importações, fez com que o saldo negativo da balança comercial do setor se acentuasse entre 2010 e 2014 (passando de -US\$ 3.095 milhões para -US\$ 12.596 milhões, respectivamente), mas perdesse o ritmo entre 2015 (-US\$ 5.973 milhões) e 2017 (-US\$ 3.317 milhões).

Gráfico 6 - Indústrias de transformação: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

As atividades que mais contribuíram para exportação nordestina em 2017 foram: Metalurgia (26,7% do total exportado pela indústria de transformação); Celulose e papel (14,5%); Produtos químicos (13,4%); Alimentos (12,4%); Veículos automotores, reboques e carrocerias (10,3%); Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (6,8%); Couro, artigos para viagem e calçados (5,8%); Têxteis (3,7%); Produtos de borracha e material plástico (2,2%); Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos (0,9%).

Os principais produtos de importação, em 2017, foram: coque derivados do petróleo e biocombustíveis (37,7% do total importado pela indústria de transformação); produtos químicos (16,6%); veículos automotores, reboques e carrocerias (12,7%); máquinas e equipamentos (5,5%); equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (4,6%); alimentos (4,4%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,5%); metalurgia (2,8%); produtos de borracha e material plástico (2,3%), e têxteis (1,7%).

Os principais setores da indústria de transformação a contribuírem com saldos positivos para balança comercial nordestina foram (Tabela 2): metalurgia (média de US\$ 1.666 milhões, no período 2008 a 2017 e saldo de US\$ 3.066 milhões, em 2017); celulose e papel (média de US\$ 1.640 milhões e US\$ 1.897 milhões, em 2017); alimentos (média de US\$ 1.495 milhões e US\$ 907 milhões, em 2017); couro, artigos para viagens e sapatos (média de US\$ 672 milhões e US\$ 646 milhões, em 2017); produtos têxteis (média de US\$ 234 milhões e US\$ 197 milhões, em 2017), e produtos de borracha e materiais plásticos, cujo saldo foi decrescente desde 2012 (US\$ 212 milhões), chegando a se apresentar deficitário em 2017 (-US\$ 86 milhões), mas com média de US\$ 123 milhões para o período.

Tabela 2 - Saldo da balança comercial do Nordeste, setores de maior superávit e de maior déficit da indústria de transformação - 2008 a 2017 (em US\$ milhões)

Saldo da balança comercial	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Média
Metalurgia	2.353	1.081	771	1.926	1.307	1.348	1.191	1.472	2.147	3.066	1.666
Celulose, Papel e Produtos de Papel	1.391	1.211	1.563	1.663	1.535	1.562	1.912	2.002	1.661	1.897	1.640
Produtos Alimentícios	1.592	1.659	1.923	2.374	1.835	1.344	1.163	1.249	908	907	1.495
Preparação de Couros, Artigos Para Viagem e Calçados	733	587	780	765	720	639	654	582	611	646	672
Produtos Têxteis	246	217	148	197	518	119	187	288	222	197	234
Produtos de Borracha e de Material Plástico	183	174	158	252	212	125	86	72	53	-86	123
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	-208	-464	-711	-789	-708	-1.056	-797	-820	-743	-450	-675
Máquinas e Equipamentos	-727	-928	-1.208	-1.555	-1.939	-1.947	-1.607	-1.131	-2.177	-724	-1.394
Equip. de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	-722	-641	-744	-771	-731	-735	-699	-526	-707	-741	-702
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	-354	-477	-946	-1.280	-1.361	-1.354	-1.699	-1.359	-929	-742	-1.050
Fabricação de Produtos Químicos	-1.165	-164	-225	-1.462	-1.427	-1.637	-1.426	-1.246	-863	-976	-1.059
Coque derivados do Petróleo e Biocombustíveis	-3.850	-1.680	-3.806	-7.002	-8.331	-8.343	-9.763	-5.025	-3.493	-5.321	-5.662

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

O principal setor a puxar para baixo o saldo comercial nordestino, entre 2008 e 2017, tem sido o de Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (média de -US\$ 5.662 milhões e -US\$ 5.321 milhões, em 2017). Esta atividade assinalou saldos negativos crescentes entre 2010 e 2014 (-US\$ 3.806 milhões e -US\$ 9.763 milhões, respectivamente), amenizando a partir de 2015 (-US\$ 5.025 milhões). Outros setores da indústria de transformação com déficit em suas balanças foram: Produtos químicos (média de -US\$ 1.059 milhões e -US\$ 976 milhões, em 2017); Veículos automotores, reboques e carrocerias (média de -US\$ 1.050 milhões e saldo de -US\$ 742 milhões, em 2017); Equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (-US\$ 702 milhões, US\$ 741 milhões, respectivamente); Máquinas e equipamentos (-US\$ 1.394 milhões e -US\$ 724 milhões, respectivamente) e Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-US\$ 675 milhões e -US\$ 450 milhões, respectivamente).

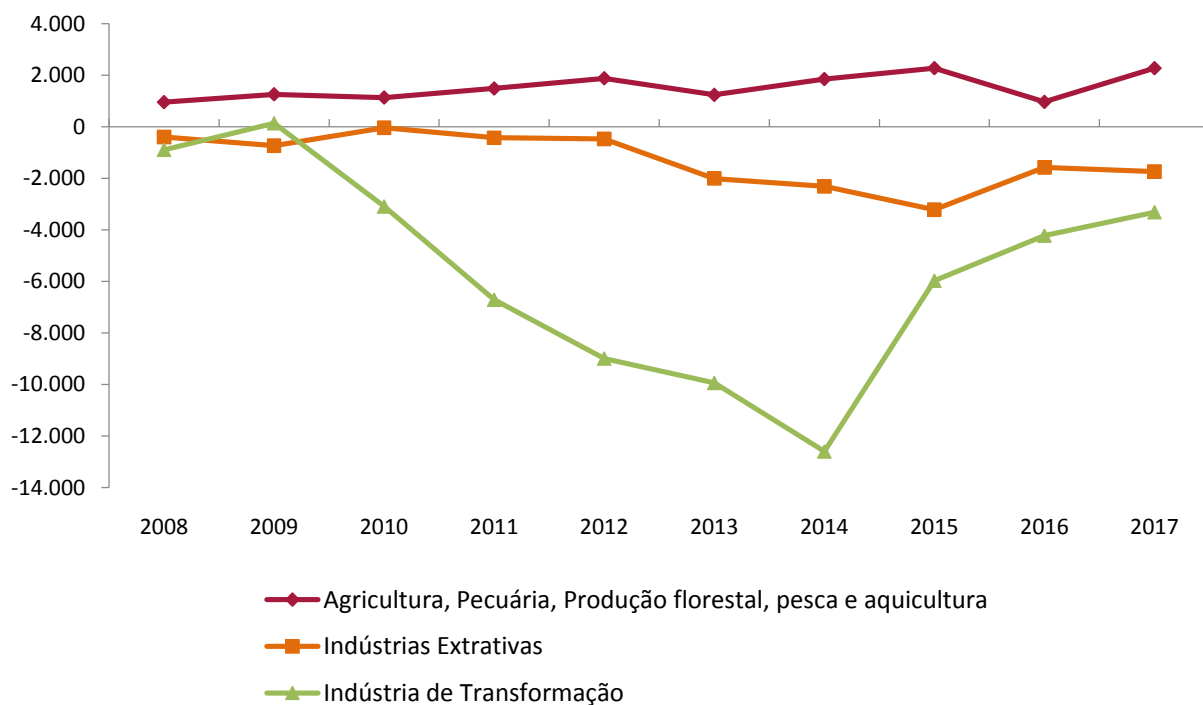
Considerações finais

Em resumo, foi possível identificar que o setor de Agricultura, Pecuária, Produção florestal, Pesca e Aquicultura foi o único a proporcionar saldo positivo à balança comercial nordestina, no período em análise (Gráfico 7). Em 2017, este registrou seu maior nível de exportação (US\$ 3.095 milhões) e o segundo maior saldo positivo (US\$ 2.269 milhões), desde 2008. O cultivo de soja é a principal atividade exportadora desta categoria (13,1% do total vendido pela Região, em 2017, e por 74% das vendas desta seção). O cultivo de cereais concentra 75% das importações da seção.

Em especial, a partir de 2013, a indústria extrativa perdeu potencial exportador e alcançou maiores volumes de importação, mantendo mais elevado o saldo deficitário desta balança. A extração de petróleo e gás, de minerais metálicos e de carvão mineral, embora com oscilações, intensificaram seus déficits a partir daquele ano.

As exportações da indústria de transformação se mostraram relativamente estáveis durante o período de análise, enquanto as importações tenderam ao crescimento. Este comportamento proporcionou crescentes déficits na balança comercial do setor, em especial, entre 2010 e 2014, perdendo ritmo nos anos seguintes. Os principais setores a puxar para baixo o saldo da indústria de transformação foram coque, derivados do petróleo e biocombustíveis; produtos químicos; veículos automotores, reboques e carrocerias; equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos; máquinas e equipamentos e máquinas, aparelhos e materiais elétricos.

Gráfico 7 - Saldo da balança comercial por setor de atividade CNAE 2.0 - Nordeste - 2008 a 2017 (US\$ milhões)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

4 Balança comercial do Nordeste segundo destino das exportações e origem das importações

Em 2008, o Nordeste exportava para 168 países e importava de 122 países. Já em 2017, os países de destino das exportações nordestinas passaram para 174 enquanto os de origem atingiram 136 países. Nesse período, a inserção dos produtos nordestinos em novos mercados foi menor que o leque de novos países fornecedores.

China (19,4%), Estados Unidos (14,7%), Argentina (11,9%), Países Baixos (6,4%) e Canadá (5,4%) absorveram 57,8% das exportações nordestinas, em 2017 (50,1% em 2008). Por outro lado, Estados Unidos (24,2%), China (10,4%), Argentina (9,0%), Argélia (5,5%) e México (4,5%) foram responsáveis por 53,5% das aquisições da Região, em 2017 (40,6% em 2008). Esses dados mostram que tanto as exportações quanto as importações estão concentradas em poucos países.

Nessa seção, a estrutura da balança comercial nordestina será analisada segundo as trocas comerciais com os principais parceiros de destino das exportações e de origem das importações. Para tanto, foram selecionados os países que mais geram superávits e déficits com o intercâmbio com a Região, tendo como base o ano de 2017.

A Tabela 3 apresenta os valores, em milhões de dólares, das exportações, importações e do saldo da balança comercial desses países selecionados, no período de 2008 a 2017.

Tabela 3 - Exportação, importação e saldo - Países selecionados (Em US\$ milhões) - Nordeste - 2008 a 2017

Países	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Exportação	15.452	11.616	15.868	18.830	18.773	17.270	15.914	14.655	12.814	16.761
China	1.138	1.361	1.784	1.970	2.059	2.255	2.529	3.476	1.870	3.252
Canadá	162	160	267	391	498	465	546	489	583	905
Países Baixos	1.851	935	979	1.258	2.035	1.761	1.420	1.018	983	1.069
Argentina	1.430	967	1.526	1.931	1.342	1.832	1.224	1.100	1.448	1.994
Bélgica	349	234	296	389	332	248	239	262	295	384
México	502	255	349	275	305	394	357	250	242	561
Peru	61	41	69	81	77	84	62	64	111	144
Chile	149	93	89	119	160	117	130	137	170	211
Argélia	25	6	44	97	43	42	29	48	15	23
Estados Unidos	3.154	1.962	2.435	2.681	2.449	1.995	2.096	1.846	2.107	2.460
Demais Países	6.629	5.600	8.029	9.639	9.474	8.078	7.280	5.965	4.990	5.759
Importação	15.526	10.796	17.579	24.156	26.007	27.740	28.724	21.427	17.540	19.420
China	1.351	1.022	1.722	1.995	2.926	2.920	2.800	2.228	1.929	2.015
Canadá	227	172	304	389	392	391	308	239	126	180
Países Baixos	276	88	277	836	1.700	891	1.720	1.049	680	686
Argentina	1.570	1.319	1.905	2.318	2.259	2.357	1.890	1.759	1.690	1.741
Bélgica	198	122	113	156	322	193	142	157	136	150
México	662	557	637	927	1.129	1.041	989	801	589	867
Peru	34	37	37	120	76	300	217	280	373	476
Chile	879	697	1.051	1.101	780	1.261	1.040	1.083	501	588
Argélia	563	495	839	901	814	873	1.226	971	709	1.074
Estados Unidos	2.154	1.206	2.921	4.814	4.689	6.371	7.566	3.518	3.239	4.696
Demais Países	7.612	5.081	7.774	10.599	10.918	11.142	10.824	9.343	7.568	6.947
Saldo	-75	821	-1.711	-5.325	-7.233	-10.470	-12.810	-6.772	-4.726	-2.659
China	-213	339	63	-25	-867	-665	-271	1.248	-59	1.237
Canadá	-64	-12	-37	2	106	74	239	250	456	725
Países Baixos	1.575	848	702	421	335	870	-301	-31	302	383
Argentina	-140	-352	-379	-386	-917	-525	-666	-658	-242	253
Bélgica	151	112	183	233	9	55	97	105	159	234
México	-160	-302	-287	-653	-825	-648	-632	-551	-347	-307
Peru	27	4	31	-40	1	-216	-155	-216	-261	-332
Chile	-730	-603	-962	-982	-620	-1.144	-910	-946	-331	-377
Argélia	-538	-488	-795	-804	-771	-831	-1.197	-923	-694	-1.051
Estados Unidos	1.000	757	-486	-2.132	-2.240	-4.376	-5.470	-1.672	-1.132	-2.235
Demais Países	-983	519	255	-960	-1.444	-3.064	-3.543	-3.378	-2.578	-1.188

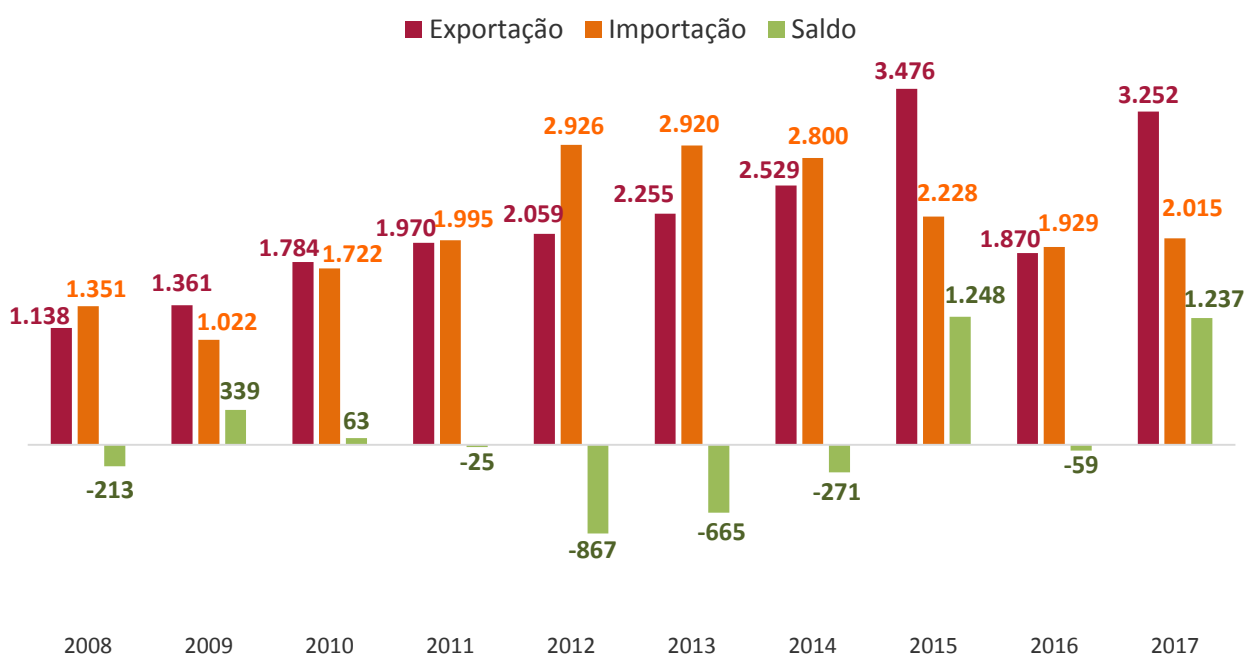
Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

A China foi, em 2017, o principal destino das exportações nordestinas. Em 2008, ocupava o quarto lugar. Nesse período, as vendas cresceram 185%, passando de 7,4% para 19,4% a participação do país no total das vendas externas da Região. A expressiva queda das vendas (-46,2%), em 2016 relativamente ao ano anterior, foi causada, principalmente, pela redução dos embarques de soja resultado da estiagem que assolou a Região nesse ano, bem como da queda do preço do grão comercializado no mercado internacional. Apesar da recuperação das exportações, em 2017, o valor absoluto ainda se encontra abaixo dos registrados em 2015 (Tabela 3). Soja (50,6%) respondeu por metade das vendas externas seguida de Pasta química de madeira (29,3%) e Cátodos de cobre refinado e seus elementos (7,1%).

As importações de produtos chineses cresceram 49,1% no período em análise, atingindo participação de 10,4% do total das aquisições nordestinas, em 2017. Os principais produtos importados da China foram: Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos (17,8%), Fabricação de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos (15,0%) e Produtos Químicos (13,3%).

O intercâmbio comercial entre o Nordeste e a China gerou o maior saldo positivo entre os parceiros, US\$ 1.237 milhões, no último ano da série em estudo (Gráfico 8).

Gráfico 8 - China: Exportação, importação e saldo (em US\$ bilhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

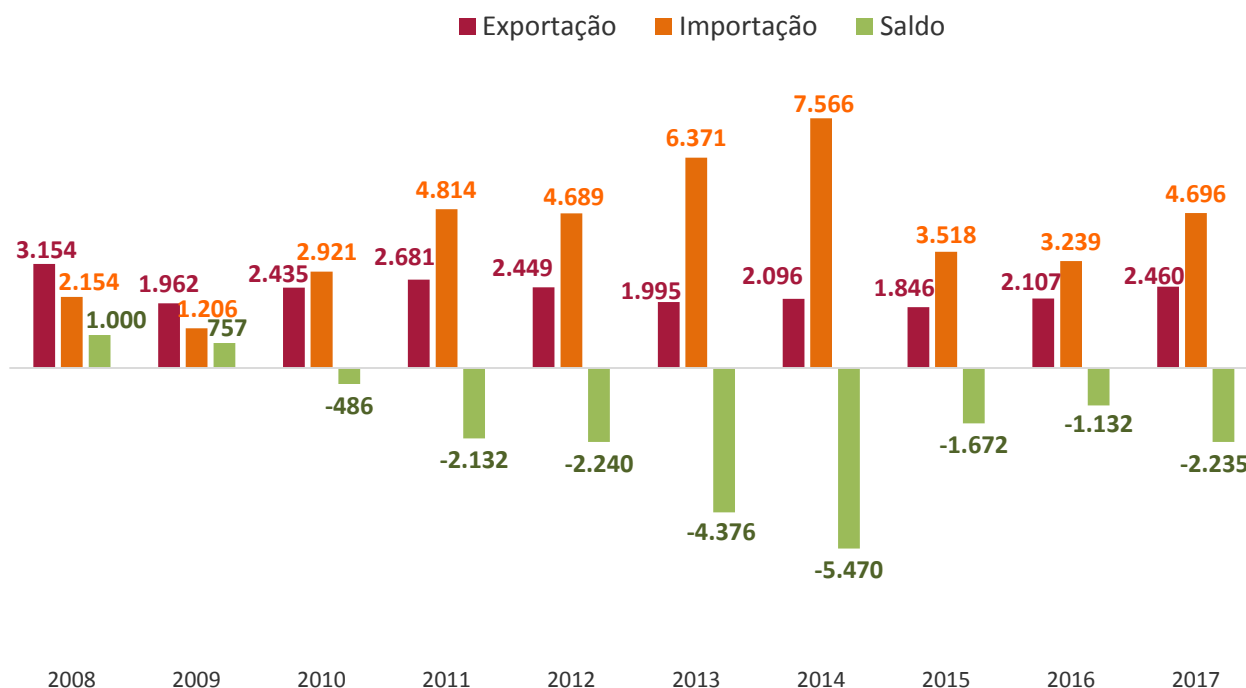
As relações comerciais do Nordeste com os Estados Unidos (EUA) vêm sendo deficitárias desde 2010, quando teve início um movimento de crescimento das importações, aliado a oscilações mais moderadas nas exportações (Gráfico 9). Em 2014, foi observado o maior saldo negativo do período (US\$ 5.470 milhões) que perdeu ritmo em seguida, diante da redução nas compras nordestinas.

Em 2017, os EUA se configuraram no segundo principal destino das exportações nordestinas, absorvendo 14,7% do total vendido pela Região (US\$ 2.460 milhões). Comparado a 2008, identifica-se tanto uma queda no total exportado para aquele país (-22,0%), quanto sua perda de participação no *ranking* de principais compradores, quando ocupava a primeira posição, absorvendo 20,4% do total.

Enquanto país de origem das compras nordestinas, os EUA mantiveram a liderança, com 24,2% das importações da Região, em 2017. Entre 2008 (US\$ 2.154 milhões) e 2017 (US\$ 4.695 milhões), as compras a partir deste país cresceram 118%, a variação mais expressiva dentre os principais parceiros comerciais.

Os produtos mais vendidos pela Região, em 2017, para o país norte-americano foram: Metalurgia (26,9%), Químicos (23,7%), Alimentícios (14,7%) e de Celulose, Papel e Produtos de Papel (7,9%). Em contrapartida, foram importados dos EUA, principalmente, Coque, derivados de petróleo e biocombustíveis (67,4%), com destaque para álcool etílico, óleo diesel e outros propanos liquefeitos, além de Produtos químicos (13,7%) e Veículos automotores, reboques e carrocerias (3,1%).

Gráfico 9 - Estados Unidos: Exportação, importação e saldo (em US\$ bilhões FOB) – Nordeste: 2008 a 2017

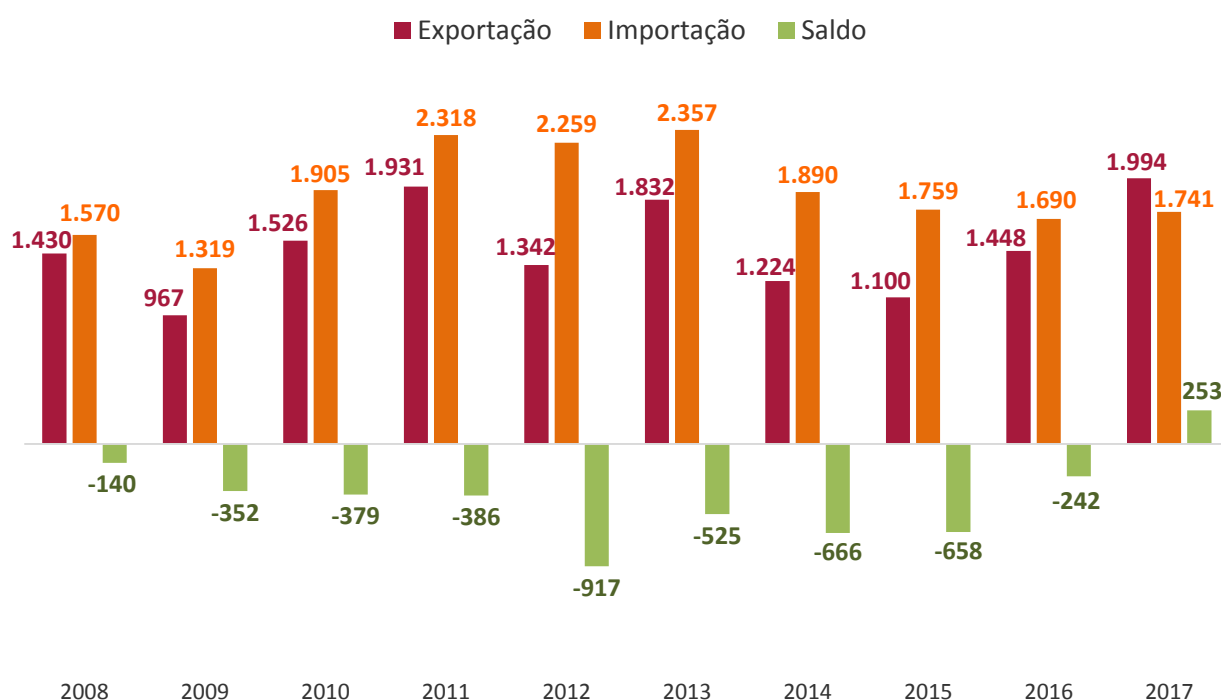


Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

As relações comerciais do Nordeste com a Argentina se mostraram deficitárias em todos os anos do período analisado, com exceção do ano de 2017 (US\$ 253 milhões), quando as exportações atingiram US\$ 1.994 milhões, maior valor da série (Gráfico 10). Neste patamar, representou o terceiro maior país de destino, com 11,9% do total exportado, mas também o terceiro principal parceiro na origem de produtos para a Região (9,0%).

No período em análise, as exportações para a Argentina cresceram 39,4%, enquanto as importações subiram 10,9%. Os principais produtos vendidos pela Região, em 2017, foram: Veículos automotores, reboques e carrocerias (53,8%); Metalurgia (12,9%); Produtos químicos (10,0%); Couro, artigo para viagens e calçados (6,1%); Alimentícios (5,3%) e Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (3,2%). Por outro lado, foram comprados, principalmente: Veículos automotores, reboques e carrocerias (49,5%); Agricultura, pecuária e serviços relacionados (32,4%); Alimentícios (5,9%); Produtos químicos (4,5%) e Bebidas (2,8%).

Gráfico 10 - Argentina: Exportação, importação e saldo (em US\$ bilhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017

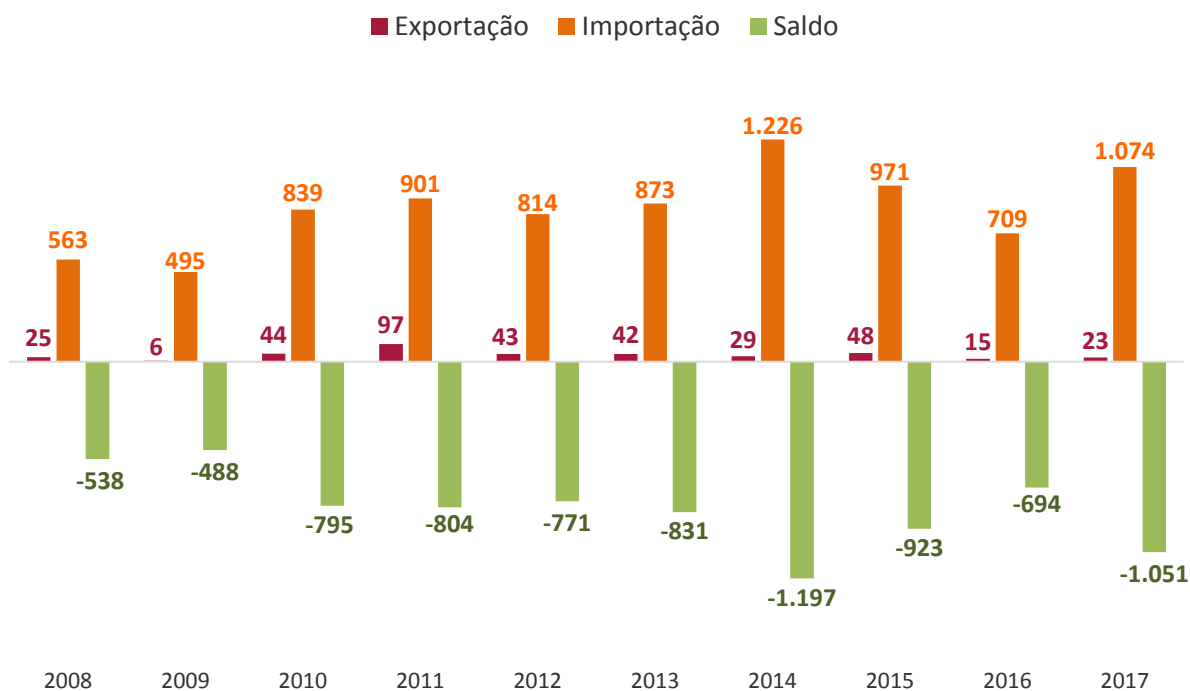


Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

As relações comerciais do Nordeste com a Argélia se resumem, praticamente, a atividade de importação, diante do reduzido valor das vendas para aquele País (Gráfico 11). Em 2017, além do pequeno montante, as exportações apresentaram uma queda de 10,7%, se comparadas ao total de 2008, colocando este país na posição 58ª, dentre os países de destino, com 0,1% do total exportado. Para o mesmo período, as importações cresceram 90,6%, chegando a US\$ 1.074 milhões, em 2017. Neste patamar, representa 5,5% do total comprado externamente pela Região e ocupa a quarta posição, dentre os principais países que vendem para o Nordeste.

As importações da Argélia, se resumem, praticamente a Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis que, em 2017, representaram 99,7% do total comprado pela Região. Nafta para petroquímica foi o principal produto importado dessa classe. Também de forma bastante concentrada, os produtos mais vendidos àquele País foram os Alimentícios, com 83,1% do total, em 2017.

Gráfico 11 - Argélia: Exportação, importação e saldo (em US\$ bilhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Considerações finais

Tanto as exportações quanto as importações nordestinas estão concentradas em poucos países. China (19,4%), Estados Unidos (14,7%), Argentina (11,9%), Países Baixos (6,4%) e Canadá (5,4%) absorveram 57,8% das exportações nordestinas, em 2017. Por outro lado, Estados Unidos (24,2%), China (10,4%), Argentina (9,0%), Argélia (5,5%) e México (4,5%) foram responsáveis por 53,5% das aquisições da Região, em 2017.

Em 2017, o maior superávit comercial nordestino foi gerado com a China (US\$ 1.237 milhões). Vale ressaltar que as relações bilaterais Nordeste-China mostra a fragilidade da inserção comercial da Região com seu principal parceiro. As exportações estão concentradas em *commodities*, vulneráveis às oscilações dos preços internacionais e ao ritmo do crescimento do país, ao passo que as importações possuem maior conteúdo tecnológico.

Foram superavitários, também, em 2017, o intercâmbio comercial com o Canadá (US\$ 725 milhões), Países Baixos (US\$ 383 milhões), Argentina (US\$ 253 milhões) e Bélgica (US\$ 234 milhões), Tabela 4.

Por seu turno, os maiores déficits ocorreram nas relações comerciais com os Estados Unidos (-US\$ 2.235 milhões) e Argélia (- US\$ 1.051 milhões), devido às significativas importações de combustíveis. Em seguida, vêm o Chile (- US\$ 377 milhões), Peru (-US\$ 322 milhões) e México (-US\$ 307 milhões).

Tabela 4 - Saldo da balança comercial por países selecionados (US\$ milhões) – Nordeste – 2008 a 2017

Países	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
China	-213	339	63	-25	-867	-665	-271	1.248	-59	1.237
Canadá	-64	-12	-37	2	106	74	239	250	456	725
Países Baixos	1.575	848	702	421	335	870	-301	-31	302	383
Argentina	-140	-352	-379	-386	-917	-525	-666	-658	-242	253
Bélgica	151	112	183	233	9	55	97	105	159	234
México	-160	-302	-287	-653	-825	-648	-632	-551	-347	-307
Peru	27	4	31	-40	1	-216	-155	-216	-261	-332
Chile	-730	-603	-962	-982	-620	-1.144	-910	-946	-331	-377
Argélia	-538	-488	-795	-804	-771	-831	-1.197	-923	-694	-1.051
Estados Unidos	1.000	757	-486	-2.132	-2.240	-4.376	-5.470	-1.672	-1.132	-2.235
Demais Países	-983	519	255	-960	-1.444	-3.064	-3.543	-3.378	-2.578	-1.188

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

5 Balança comercial nordestina segundo a categoria econômica

O fluxo de bens das relações comerciais, e conseqüentemente, produtivas da economia nordestina será aqui analisadas sob a ótica das categorias econômicas. A FuncexData (2016) utiliza a Classificação por Grandes Categorias Econômicas – CGCE elaborada pelas Nações Unidas para classificar a destinação dos bens.

Os produtos exportados e/ou importados são discriminados, segundo o destino e uso dos bens produzidos, em 6 (seis) grandes classes econômicas de mercadorias: bens de capital, bens intermediários, bens de consumo duráveis, bens de consumo não duráveis, combustíveis e lubrificantes e bens não classificados. O Quadro 2 apresenta a estrutura das categorias e subcategorias dos bens segundo uso/destino (MDIC/SECEX, 2016).

Quadro 2 - Estrutura das categorias e subcategorias dos bens segundo uso/destino

Bens de capital (BK)
- Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial
- Equipamentos de transporte industrial
Bens intermediários (BI)
- Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria
- Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria
- Insumos industriais básicos
- Insumos industriais elaborados
- Peças e acessórios para bens de capital
- Peças para equipamentos de transporte
Bens de consumo (BC)
- Bens de consumo duráveis
. Bens de consumo duráveis – exceto equipamentos de transporte
. Automóveis de passageiros
. Equipamentos de transporte não industrial
- Bens de consumo semiduráveis e não duráveis
. Bens de consumo semiduráveis
. Bens de consumo não duráveis
. Alimento/bebidas básicos, destinados principalmente ao consumo doméstico
. Alimento/bebidas elaborados, destinados principalmente ao consumo doméstico
Combustíveis e lubrificantes
- Combustíveis e lubrificantes básicos
- Combustíveis e lubrificantes elaborados
. Gasolinas para automóvel
. Combustíveis e lubrificantes elaborados exceto gasolinas para automóveis
Bens não especificados anteriormente
- Bens não especificados anteriormente

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do MDIC (2016).

A Tabela 5 apresenta os valores, em milhões de dólares, das exportações, importações e do saldo da balança comercial da Região Nordeste no período de 2008 a 2017, detalhados segundo as categorias econômicas.

Tabela 5 - Exportação, importação e saldo segundo categoria econômica (Em US\$ milhões) - Nordeste - 2008 a 2017

Classificação por categoria econômica	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Exportação	15.452	11.616	15.868	18.830	18.773	17.270	15.914	14.655	12.814	16.761
Bens de capital	37	20	32	41	813	1.597	119	286	215	575
Bens intermediários	10.787	8.338	11.629	13.827	13.248	11.266	11.805	11.560	9.555	12.552
Bens de consumo duráveis	704	400	514	466	414	732	421	398	584	993
Bens de consumo não duráveis	2.077	1.752	1.986	1.956	1.790	1.659	1.608	1.512	1.511	1.607
Combustíveis	1.835	1.072	1.697	2.524	2.497	2.004	1.950	888	939	1.021
Bens não classificados.	11	34	10	17	11	12	11	10	10	12
Importação	15.526	10.796	17.579	24.156	26.007	27.740	28.724	21.427	17.540	19.420
Bens de capital	1.347	1.427	2.032	2.538	2.839	3.150	2.796	2.208	3.275	1.566
Bens intermediários	8.472	6.294	9.291	11.817	11.184	12.727	12.319	10.571	9.167	11.629
Bens de consumo duráveis	799	683	1.117	1.351	1.539	1.500	1.546	998	572	554
Bens de consumo não duráveis	452	449	683	877	1.014	1.062	1.295	966	814	1.023
Combustíveis	4.455	1.943	4.455	7.572	9.431	9.302	10.767	6.593	3.712	4.626
Bens não classificados.	1	0	1	0	0	0	0	90	0	23
Saldo	-75	821	-1.711	-5.325	-7.233	-10.470	-12.810	-6.772	-4.726	-2.659
Bens de capital	-1.310	-1.407	-2.000	-2.497	-2.026	-1.552	-2.677	-1.922	-3.060	-990
Bens intermediários	2.315	2.044	2.338	2.010	2.064	-1.461	-515	989	388	924
Bens de consumo duráveis	-95	-283	-603	-885	-1.125	-768	-1.126	-600	12	440
Bens de consumo não duráveis	1.625	1.304	1.303	1.079	776	598	313	546	697	584
Combustíveis	-2.620	-871	-2.758	-5.049	-6.935	-7.299	-8.817	-5.705	-2.773	-3.605
Bens não classificados.	10	33	9	17	11	12	11	-80	10	-10

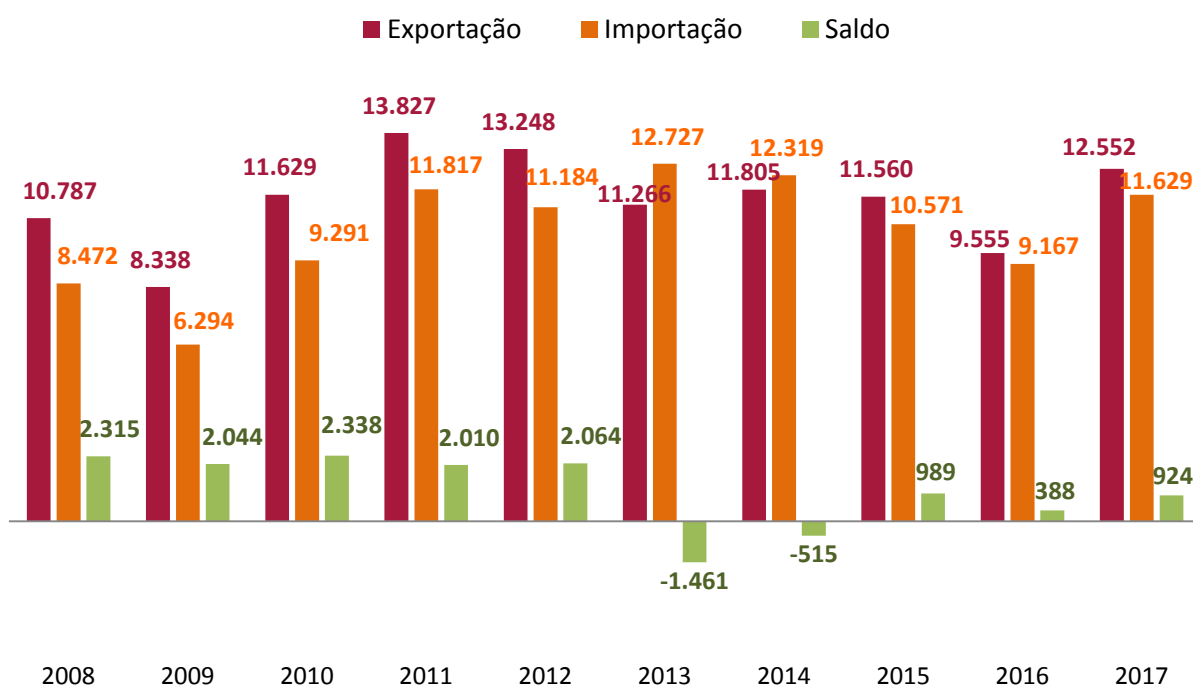
Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

As exportações nordestinas estão concentradas em Bens Intermediários, ou seja, matérias-primas e insumos utilizados na fabricação de produtos (Tabela 5). No período de 2008 a 2017, a categoria passou de 69,8 % de participação na pauta exportadora para 74,9%, um aumento de 5.5 pontos percentuais, ou 16,4%. Nesse segmento, foram exportados, principalmente, em 2017: Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria (Soja – 13,1% da pauta; Outros açúcares de cana – 3,2%) e Insumos industriais elaborados (Pasta química de madeira – 9,9%; Alumina calcinada – 7,5%; Outros produtos semimanufaturados de ferro/aço – 6,2%).

Pelo lado das importações, as aquisições de Produtos Intermediários, insumos para produção de outros bens, também predominam na pauta importadora de Região. Em 2017, atingiu a maior participação no total das compras externas (59,9%). Relativamente a 2008, registrou crescimento de 37,3%. Nessa categoria, foram importados, principalmente, Insumos industriais (como Naftas para petroquímica; Sulfetos de minérios de cobre; etc) e Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria (p.ex.: Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura).

Apenas em 2013 e 2014, observou-se saldo negativo na balança comercial dos Produtos intermediários (Gráfico 12). O expressivo déficit, registrado em 2013 (-US\$ 1.461 milhões), decorreu do decréscimo de 15,0% no valor exportado e do incremento de 13,8% das importações do segmento, comparativamente a 2012. No ano seguinte, houve uma ligeira recuperação das compras externas (+4,8%), mas apesar da queda nas aquisições (-3,2%), o saldo continuou negativo, porém, com menor intensidade.

Gráfico 12 - Bens intermediários: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

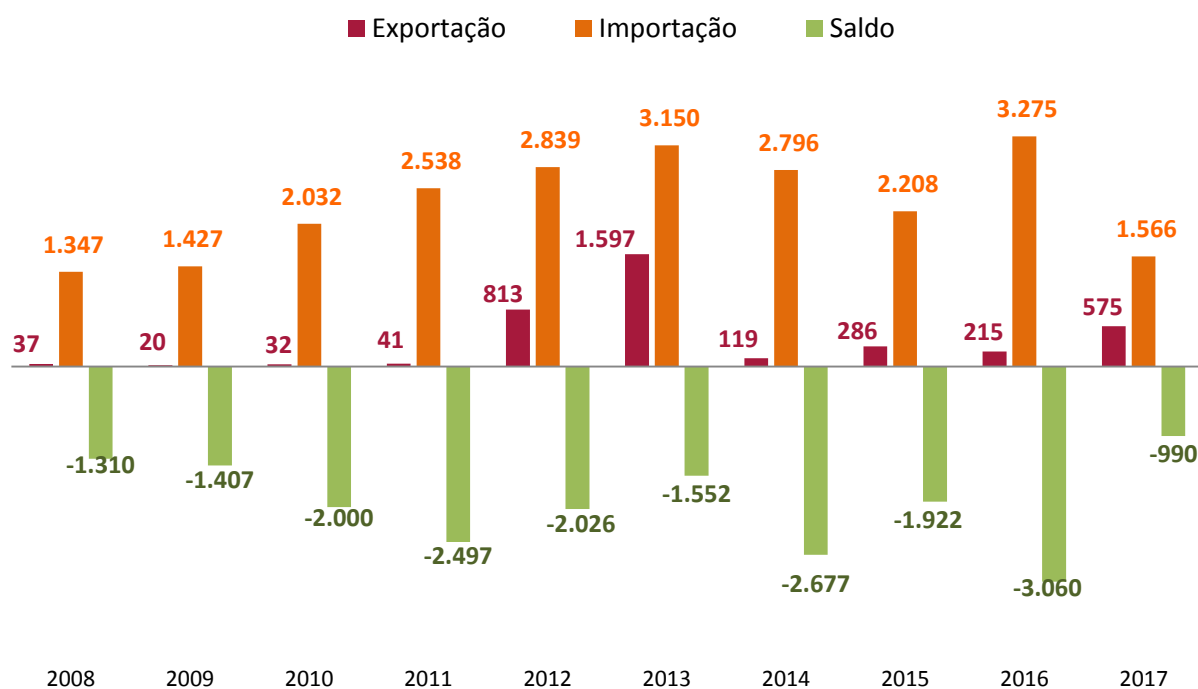
O aumento nas importações de Bens intermediários em contraste com o comportamento da produção industrial doméstica pode ser explicado pela ocorrência de substituição de insumos domésticos por importados.

As vendas de bens de capital que possuem maior valor agregado passaram a representar, em 2017, 3,4% do total exportado (0,2% em 2008), expressivo crescimento de 1.447% no período. Em 2013, chegaram a contribuir com 9,2% da pauta regional devido à venda de duas plataformas para extração de petróleo que resultaram no valor US\$ 1.597 milhões (Gráfico 13). Uma produzida na Bahia pelo Consórcio Rio Paraguaçu e a outra em Pernambuco produzida no Estaleiro Atlântico Sul. Entretanto, foi apenas contábil a venda externa das plataformas, pois fisicamente continuaram no País. A operação, realizada no amparo Repetro, regime aduaneiro especial de exportação, permitia que subsidiárias da Petrobras e de outras petrolíferas no exterior realizassem a compra e posterior aluguel a empresas petrolíferas no País.

Por outro lado, as compras de bens de capital que incluem máquinas e equipamentos utilizados para a produção de outros bens sinalizam o investimento produtivo que a Região faz, o aumento da capacidade produtiva e da produtividade além de ser um meio de incorporação de tecnologia estrangeira. No intervalo em estudo, 2017 frente a 2008, houve aumento de 16,2% nas importações do segmento. Em 2016, chegaram a representar 18,7% do total importado da Região, devido, em grande parte, aos investimentos realizados nos estados do Piauí e Ceará. Em 2017, a participação dessa categoria foi de 8,1%, menor percentual registrado no período ora em análise, reflexo da redução dos investimentos devido à queda da atividade econômica.

O Gráfico 13 mostra os sucessivos déficits apresentados pelo saldo da balança comercial dos Bens de capital.

Gráfico 13 - Bens de capital: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

A oscilação do fluxo comercial de Combustíveis e lubrificantes decorre de diversas variáveis internas e externas, como nível de produção interna, capacidade de refino, política interna de preços, taxa de câmbio, preço internacional da commodity, oferta mundial, concorrência interna e externa, etc.

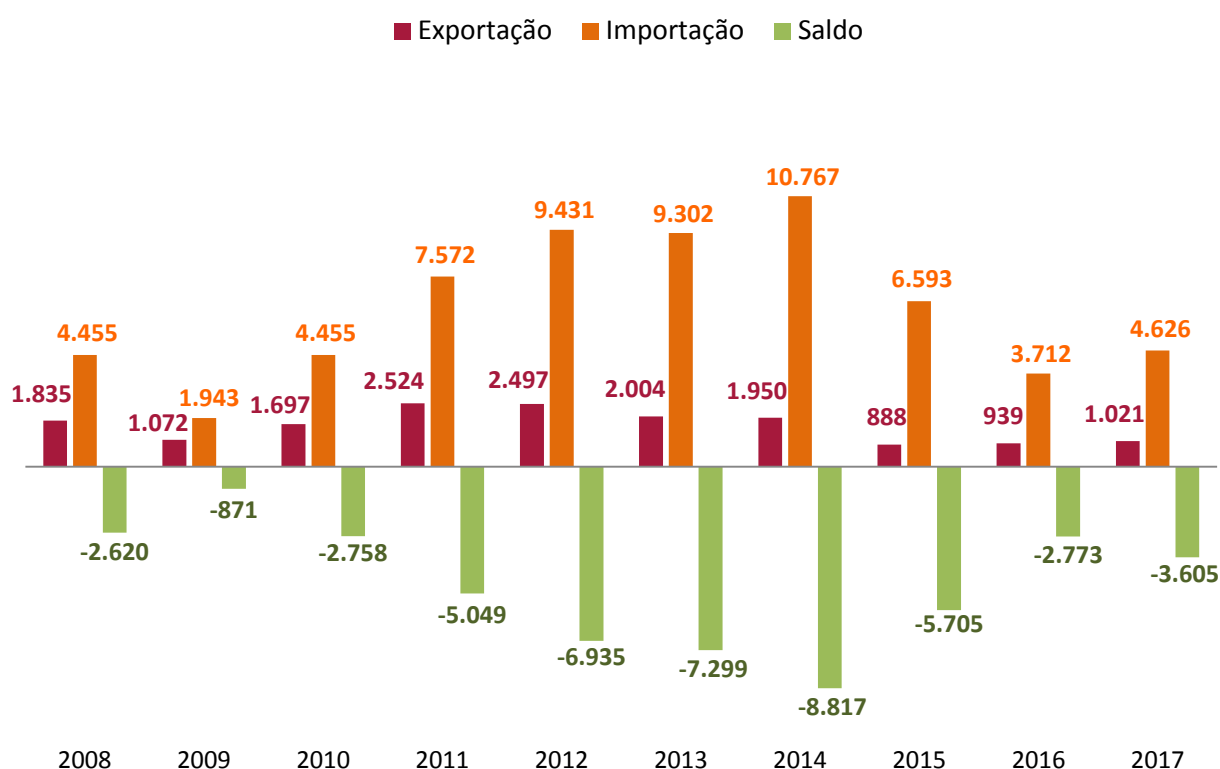
A participação da categoria Combustíveis e lubrificantes (C&L), no total das exportações nordestinas, caiu de 11,9% em 2008 para 6,1% em 2017, queda de 44,4% no valor. O principal produto exportado foi, em 2017, Outros óleos de petróleo ou de minerais betuminosos e preparações, exceto desperdícios, com 78,4% de participação.

Por outro lado, o peso dos C&L na pauta de importações da Região que representava 28,7% em 2008; oscilando, atingiu um pico em 2014 (37,5%) e caiu para 23,8%, em 2017. Relativamente a 2008,

registrou crescimento de 3,9%. As maiores aquisições, em 2017, foram em Outros óleos de petróleo ou de minerais betuminosos e preparações, exceto desperdícios (44,6%), Hulha betuminosa, não aglomerada (12,4%) e Gás natural, liquefeito (10,5%).

Combustíveis e Lubrificantes foi o principal agrupamento que contribuiu para a geração dos seguidos saldos comerciais negativos da economia nordestina. É importante ressaltar que, em 2014, foi o maior valor negativo para o saldo comercial (-US\$ 8.817milhões), no período em estudo, conforme se observa no Gráfico 14.

Gráfico 14 - Combustíveis e lubrificantes: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Em 2017, as exportações dos Bens de consumo duráveis atingiram seu maior valor para o período considerado (US\$ 993milhões), um crescimento de 41% em relação ao montante de 2008 (US\$ 704milhões) e de70%, frenteàs vendas de 2016 (US\$ 584milhões). Estas foram favorecidas, em grande parte, pelo desaquecimento do mercado interno, que estimulou as vendas para o exterior, na tentativa de compensar as perdas domésticas, diante da queda na atividade industrial e da retração do consumo das famílias.

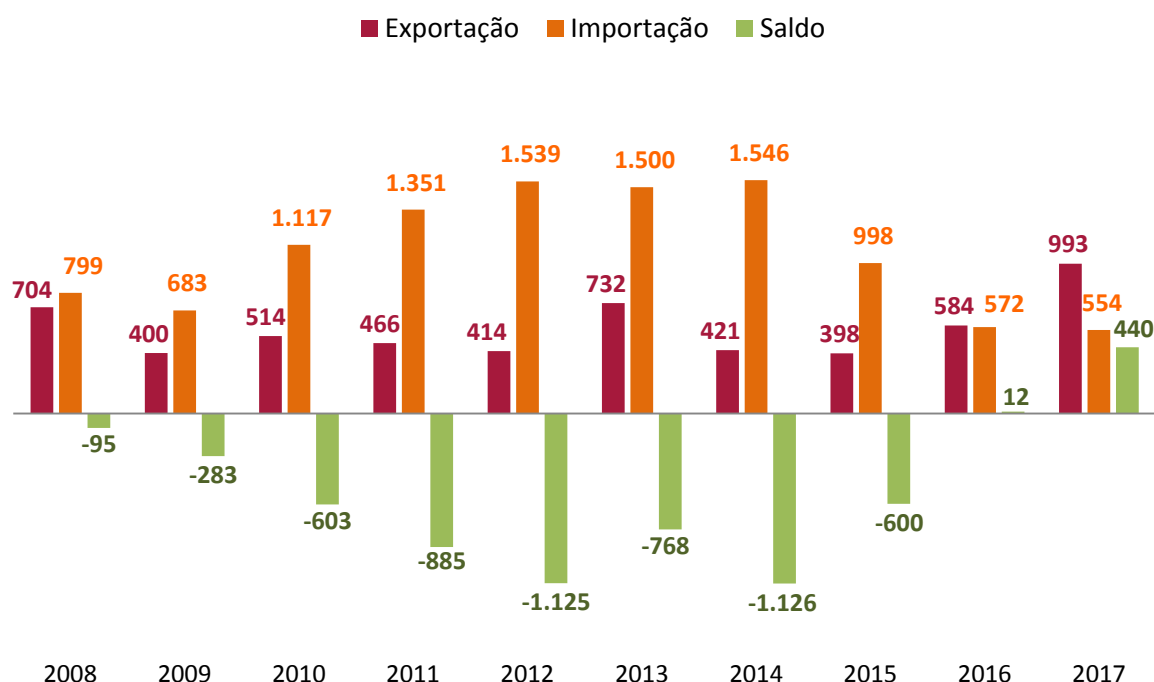
Os principais produtos de exportação desta categoria são os Automóveis para passageiros, responsáveis por 97,8% do total de bens de consumo duráveis vendido ao exterior, em 2017. A subcategoria Bens de consumo duráveis – exceto equipamentos de transporte, respondeu por apenas 2,1%, com destaque para Aparelhos para cozinhar e aquecedores de prato; Assentos estofados com armação de madeira, e Aquecedores elétricos de água. Os equipamentos de

transporte não industriais (tais como, barcos a motor, de recreio ou esporte, e as bicicletas e outros ciclos) participaram com apenas 0,1% do total exportado, em 2017.

Na esteira da contração econômica local, as importações de Bens de consumo duráveis registraram, em 2017, o pior nível do período (US\$ 554 milhões). Este foi 31% inferior ao total importado em 2008 e ficou 64% abaixo do maior volume de importação, US\$ 1.546 milhões, em 2014 (Gráfico 15). Nas importações, os Automóveis para passageiros também dominam a pauta (75,4%, em 2017), porém, em menor proporção do que no caso das exportações. Os Bens de consumo duráveis exceto equipamentos de transportes contribuíram com 24,1% das importações, com destaque para Outros aparelhos eletrotérmicos, de uso doméstico; Câmeras de televisão, fotográficas digitais e de vídeo e Trituradores e misturadores de alimentos.

Assim, o maior nível de exportação associado ao menor patamar de importação levou ao superávit de US\$ 440 milhões, em 2017, que, pelo segundo ano consecutivo (US\$ 12 milhões, em 2016), reverteu uma balança que apresentava uma trajetória deficitária desde 2008. Na verdade, o déficit nesta balança coincide com a fase de maior aquecimento econômico da Região e reversão desse quadro, a partir da percepção do enfraquecimento do mercado local.

Gráfico 15 - Bens de consumo duráveis: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017

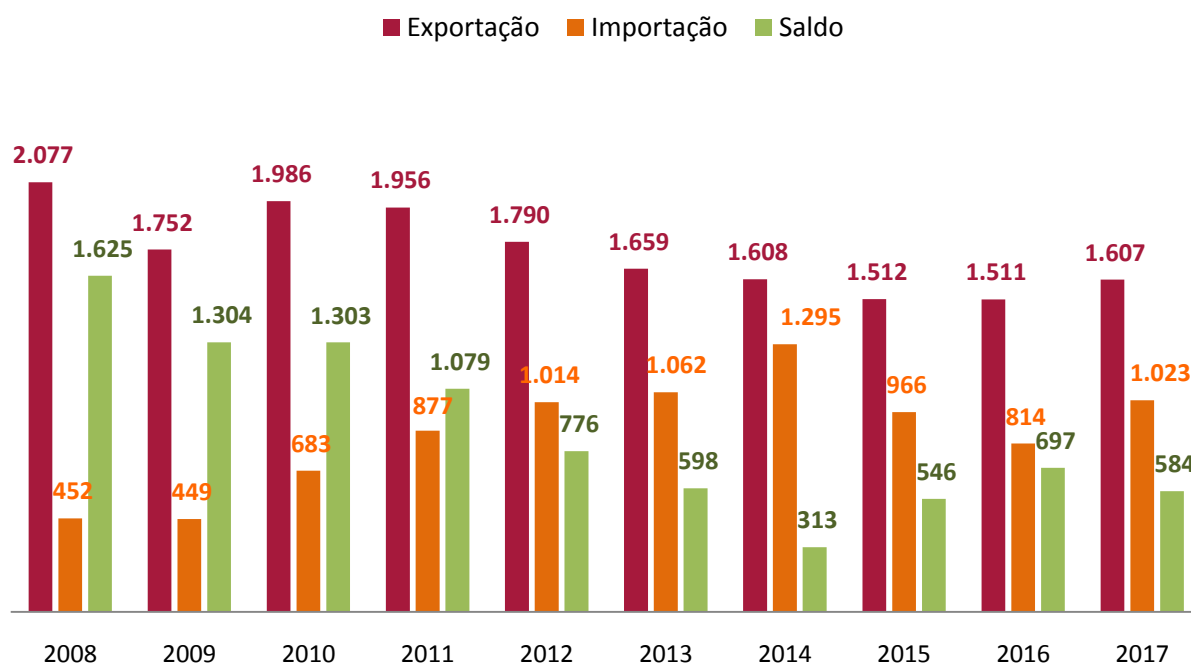


Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

O segundo maior colaborador, em termos de resultado positivo para a balança comercial nordestina, corresponde aos Bens de consumo semiduráveis e não duráveis. Esta categoria apresentou superávit ao longo de toda a série. Contudo, na comparação ponta a ponta, passou a exportar menos (-22,7%) e a importar mais (126,2%). Conseqüentemente, seu saldo caiu 64,1% entre 2008 (US\$ 1.625 milhões) e 2017 (US\$ 583,6 milhões), embora tenha se mantido superavitário (Gráfico 16).

Em 2017, os principais produtos exportados, nesta categoria foram Alimentos e bebidas básico, destinados ao consumo doméstico (50,0%) e Alimentos e bebidas elaborados, destinados ao consumo doméstico (20,9%). Os principais produtos importados foram Alimentos e bebidas elaborados, destinados ao consumo doméstico (29,5%) e Alimentos e bebidas básico, destinados ao consumo doméstico (14,3%).

Gráfico 16 - Bens de consumo não duráveis: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



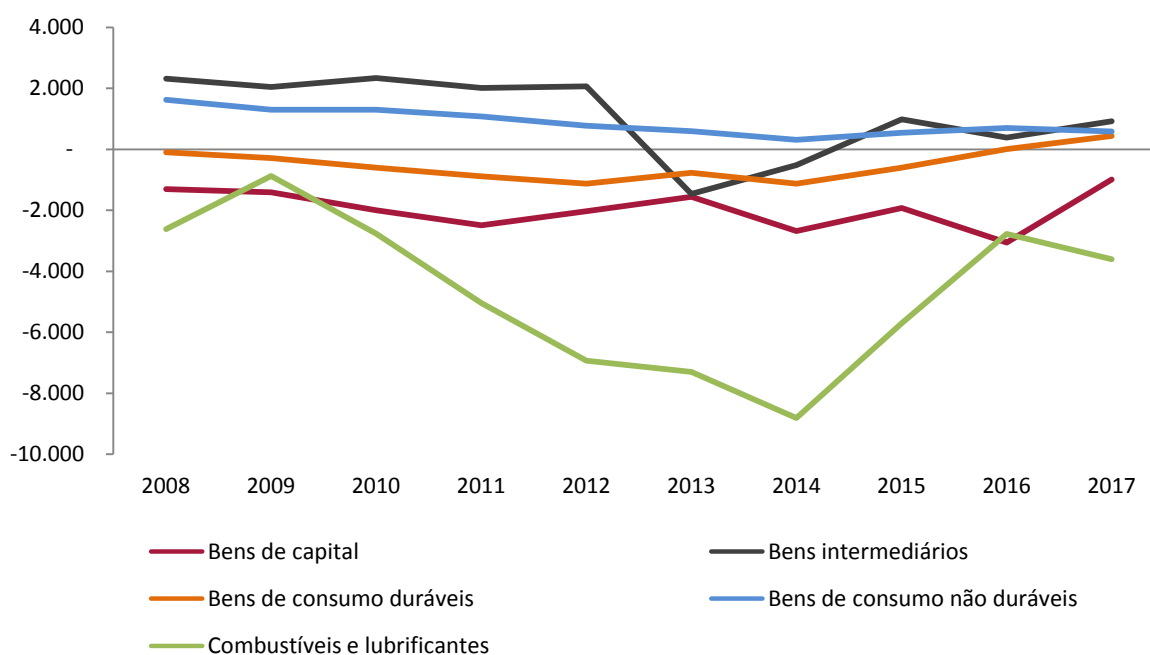
Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Considerações finais

A análise da trajetória da balança comercial nordestina, segundo a destinação dos bens, mostra que, no período em foco, o déficit registrado está, principalmente, nas categorias Combustíveis e Lubrificantes (C&L) e Bens de Capital que apresentaram saldo negativo em todos os anos considerados. Estas foram responsáveis, na média de 2008 a 2017, por 92% da contribuição negativa para o saldo do período, 61% no caso dos Combustíveis e Lubrificantes e 31%, dos Bens de capital. Em 2017, os Combustíveis e Lubrificantes responderam por 78% da parte negativa do saldo total.

Já os bens de consumo não duráveis se mantiveram superavitários durante todo o período. Os bens intermediários observaram déficit apenas em 2013 e 2014 e os bens de consumo duráveis que vinham de uma trajetória deficitária, passaram a contar com saldo positivo a partir de 2016, conforme se pode observar no Gráfico 17.

Gráfico 17 - Saldo da balança comercial por grandes categorias econômicas - Nordeste - 2008 a 2017 (US\$ milhões)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

6 Balança comercial do Nordeste segundo fator agregado

A análise da balança comercial nordestina com base na classe dos produtos (ou fator agregado) considera o grau de elaboração ou de agregação de valor que o produto sofreu /adquiriu durante seu processo de produção até a venda final. São as seguintes as classes de produto:

Produtos básicos
Produtos industrializados
- Produtos semimanufaturados
- Produtos manufaturados

Os produtos com baixo grau de elaboração são denominados básicos (ex.: grãos, carnes in natura, minérios e óleos brutos de petróleo). Produtos semimanufaturados são aqueles com grau intermediário de transformação (ex.: açúcar de cana em bruto, óleo de soja em bruto, celulose, alumínio e ferro fundido). Por fim, os bens com maior grau de elaboração são denominados manufaturados (ex.: têxteis, químicos, automóveis, máquinas industriais etc.).

A Tabela 6 apresenta os valores, em milhões de dólares, das exportações, importações e o saldo da balança comercial da Região Nordeste no período de 2008 a 2017, detalhados segundo fator agregado.

Tabela 6 - Nordeste: Exportação, Importação e Saldo segundo fator agregado - Em US\$ milhões - 2008 a 2017

Classificação dos produto	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Exportação	15.452	11.616	15.868	18.830	18.773	17.270	15.914	14.655	12.814	16.761
Básicos	3.450	2.934	4.467	5.100	5.078	3.558	3.996	4.215	2.872	4.308
Semimanufaturados	5.358	3.743	4.622	5.709	4.924	4.767	4.424	4.408	3.971	5.015
Manufaturados	6.397	4.772	6.530	7.688	8.436	8.695	7.233	5.876	5.849	7.305
Transações especiais	1	2	1	1	2	2	2	1	1	1
Consumo de bordo	245	166	249	333	333	248	259	155	120	133
Importação	15.526	10.796	17.579	24.156	26.007	27.740	28.724	21.427	17.540	19.420
Básicos	2.472	1.728	2.618	3.226	2.450	3.194	2.948	2.502	2.443	2.828
Semimanufaturados	571	372	479	664	1.106	1.009	774	1.011	512	667
Manufaturados	12.483	8.696	14.482	20.266	22.450	23.536	25.001	17.915	14.585	15.925
Saldo	-75	821	-1.711	-5.325	-7.233	-10.470	-12.810	-6.772	-4.726	-2.659
Básicos	978	1.206	1.849	1.874	2.628	364	1.048	1.714	429	1.480
Semimanufaturados	4.787	3.371	4.142	5.045	3.818	3.758	3.650	3.398	3.459	4.347
Manufaturados	-6.086	-3.924	-7.952	-12.579	-14.014	-14.841	-17.768	-12.039	-8.736	-8.620
Transações especiais	1	2	1	1	2	2	2	1	1	1
Consumo de bordo	245	166	249	333	333	248	259	155	120	133

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Nota: Consumo de bordo: fornecimento de combustíveis, lubrificantes e demais mercadorias destinadas a uso e consumo de bordo, em embarcações ou aeronaves, exclusivamente de tráfego internacional, de bandeira brasileira ou estrangeira. Transações Especiais: comércio de navios e aeronaves usadas em transporte internacional; comércio de plataformas de perfuração em águas internacionais; provisionamento de navios, aeronaves e outros veículos de transporte; encomendas postais; arrendamentos não financeiros; propriedade pessoal de migrantes; doações; e zonas de livre comércio.

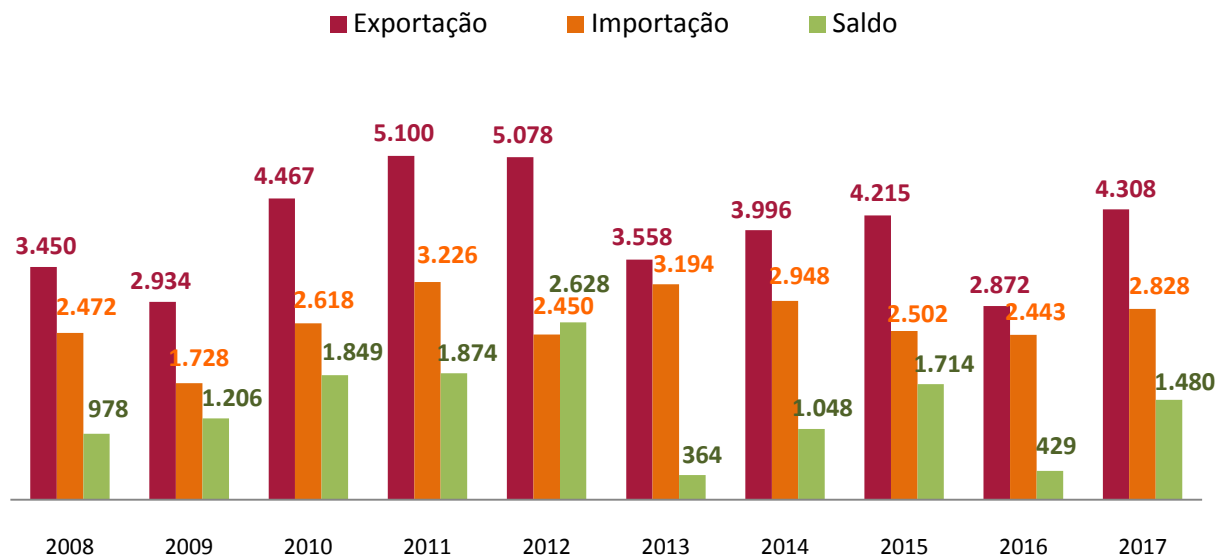
A decomposição das exportações nordestinas por fator agregado mostra que, em 2017, as vendas de produtos básicos contribuíram com 25,7% do total das exportações da Região, aumento de 3,4 pp comparativamente a 2008, ou 24,8%, bem superior à taxa de crescimento do total exportado pela Região (+8,5%). Entretanto, as oscilações na trajetória das exportações decorreram da queda dos preços internacionais das principais *commodities* exportadas pela categoria bem como pelo efeito das variações climáticas que castigaram a Região.

A soja é o principal produto de exportação da categoria, respondendo por 51,1% do valor total de produtos básicos embarcados. É, também, o principal produtos da pauta nordestina, com 13,1% de participação, em 2017. No período em análise, enquanto o valor exportado cresceu 141,3%, a quantidade embarcada aumentou 192,9%. Bahia, Maranhão e Piauí são os principais exportadores do grão.

Pelo lado das importações, as compras de produtos básicos responderam por 14,6% da pauta, em 2017. Relativamente a 2008, incremento de 14,4%. Os principais produtos importados do segmento, em 2017, foram: Minérios de cobre e seus concentrados (30,1%), Hulhas, mesmo em pó, mas não aglomeradas (23,2%) e Trigo em grãos (19,0%).

Como resultado do confronto das exportações com as importações, os saldos da balança comercial dos produtos básicos foram superavitários, no período 2008-2017 (Gráfico 18).

Gráfico 18 - Produtos básicos: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB)



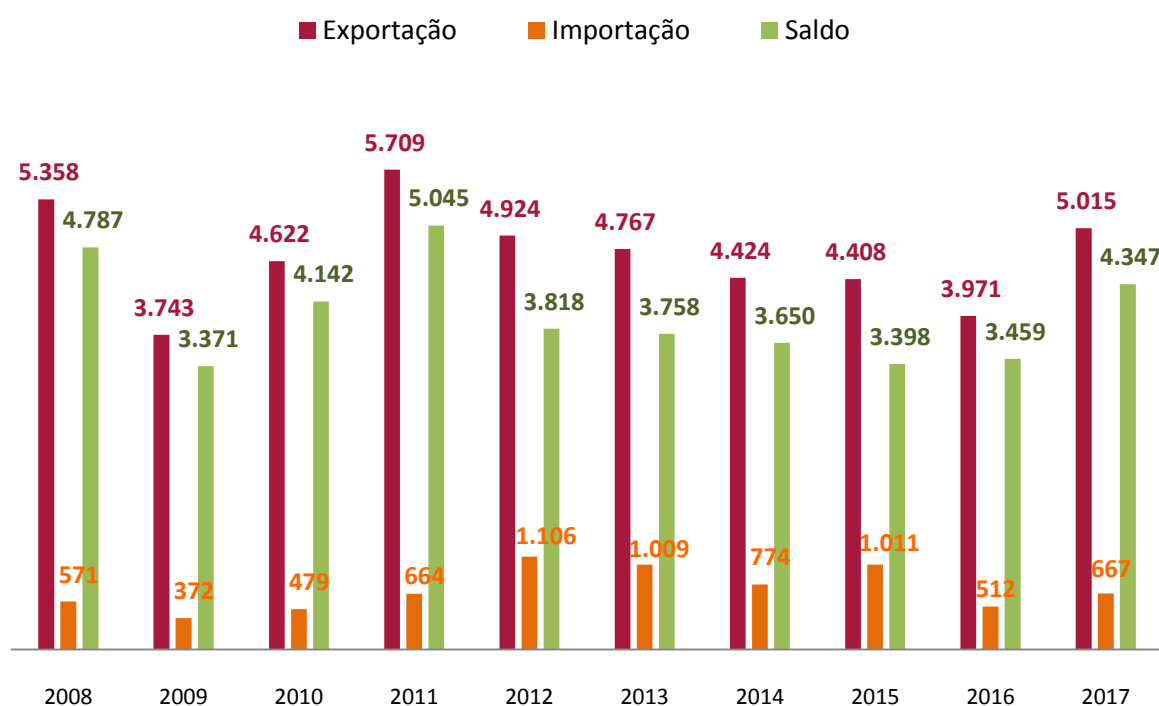
Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Já os produtos semimanufaturados participaram com 29,9% das vendas totais em 2017. Os destaques do segmento foram as vendas de Pasta química de madeira de não conífera (9,9% das exportações da Região), Outros produtos semimanufaturados de ferro/aço (6,2%) e Outros açúcares de cana exportado (3,2%). No período em análise, as exportações de produtos semimanufaturados retrocederam 6,4%.

Nas importações, as compras de produtos semimanufaturados, em 2017, responderam por 3,4% da pauta, registrando incremento de 16,8%, comparativamente a 2008.

Devido a pequena participação das importações de produtos semimanufaturados no comércio exterior da Região, o saldo da balança comercial foi positivo durante o período de 2008 a 2017 (Gráfico 19).

Gráfico 19 - Produtos semimanufaturados: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

As vendas de produtos manufaturados (com maior valor agregado) foram os mais representativos na pauta nordestina (43,6%). Alumina calcinada (7,5% da pauta total), Automóveis de passageiros (5,7%) e Fuel-oil (4,0%) foram os principais produtos exportados pelo segmento.

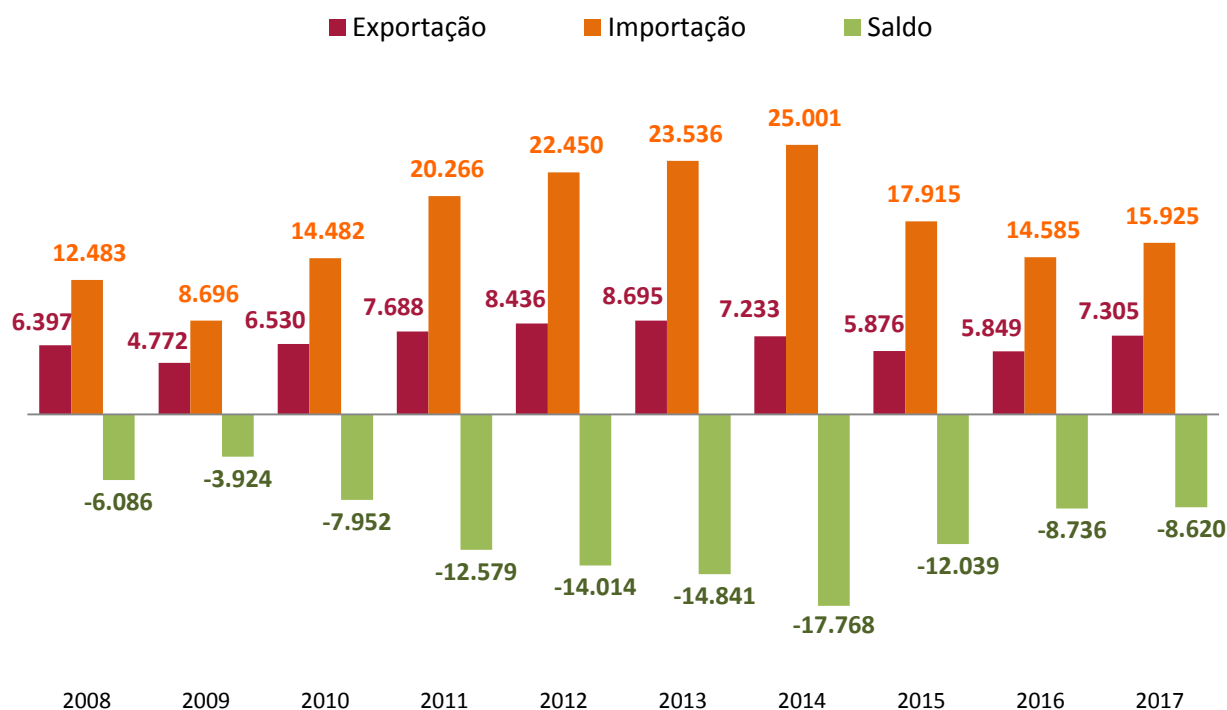
Nas importações, as compras de produtos manufaturados, em 2017, concentraram 82,0 % da pauta importadora. Relativamente a 2008, registraram incremento de 27,6%. As principais aquisições foram em: Naftas (12,1% dos manufaturados), Óleos combustíveis (óleo diesel, "fuel-oil" e demais) (10,9%), Gasolina (6,0%) e Etanol (4,8%).

Nas trocas internacionais, segundo fator agregado, o comércio de produtos manufaturados foi o único segmento que apresentou déficit no saldo comercial, no período em estudo (Gráfico 20).

Os produtos que mais contribuíram com este déficit, em 2017, foram: Naftas (saldo de -US\$ 1,9 bilhão); Óleos combustíveis, tais como óleo diesel e "fuel-oil" (- US\$ 936 milhões); Gasolina (-US\$ 894 milhões); Etanol (- US\$ 764 milhões); Partes e peças para veículos automóveis e tratores (-US\$ 655 milhões); Gás natural liquefeito (-US\$484 milhões); Gás propano liquefeito (-US\$ 422 milhões), dentre outros.

Portanto, pode-se afirmar que grande parte do déficit do setor manufatureiro advém de Combustíveis e Lubrificantes, na medida em que estes apresentaram os maiores saldos negativos no ano.

Gráfico 20 - Produtos manufaturados: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB)

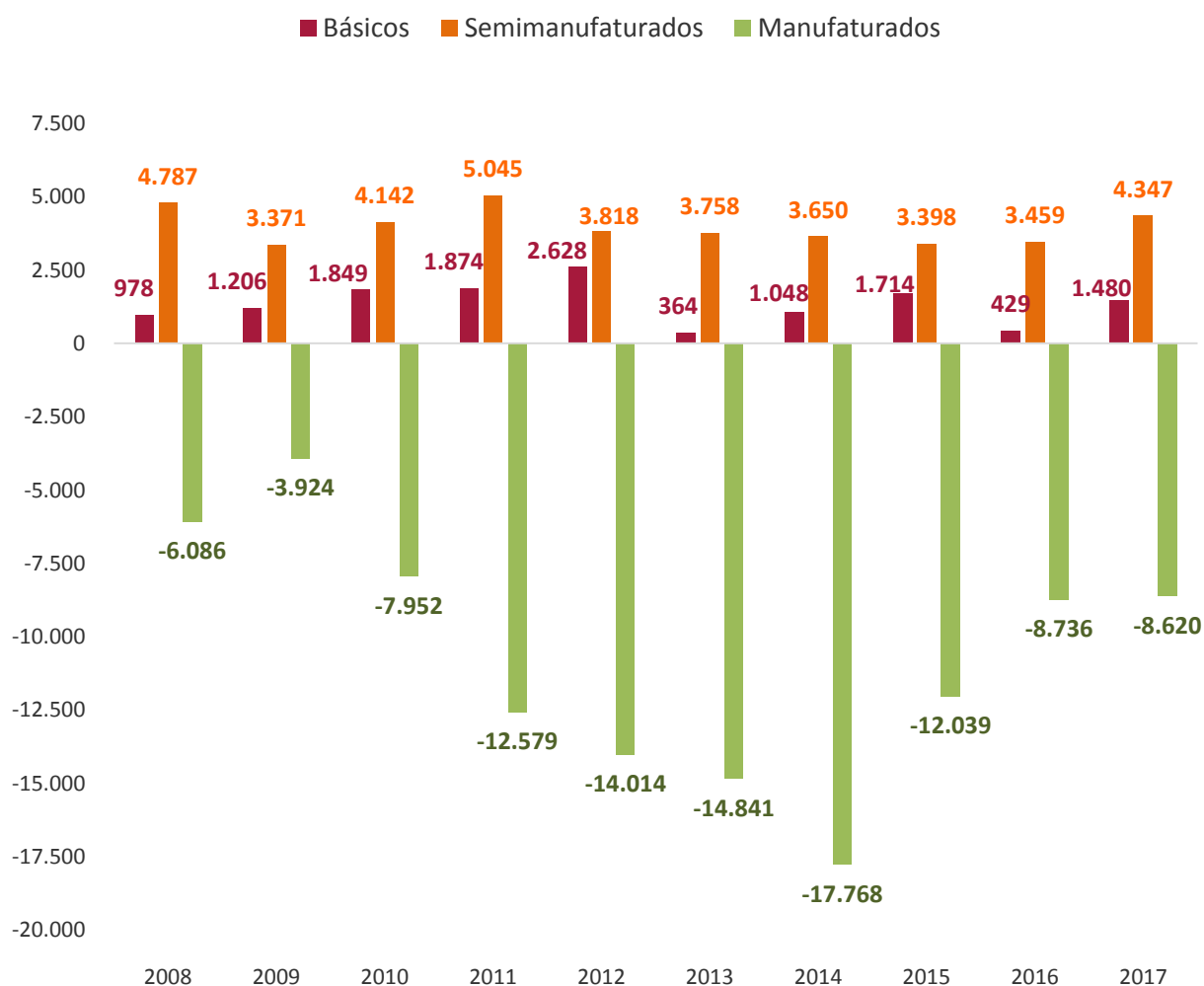


Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Considerações finais

Em resumo, os produtos manufaturados registraram deficit na balança comercial no período analisado (Gráfico 21). Enquanto os produtos básicos e semimanufaturados apresentaram contribuições positivas. Os produtos que principalmente contribuíram para o déficit dos manufaturados pertencem à categoria de Combustíveis e Lubrificantes.

Gráfico 21 - Saldo da balança comercial por fator agregado - Nordeste - 2008 a 2017 (US\$ bilhões)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

7 Balança comercial nordestina segundo intensidade tecnológica

A capacidade de inovação nos processos/produtos fabris é essencial na determinação da competitividade das empresas bem como na sua forma de inserção no comércio internacional.

Nesta seção, a dinâmica da balança comercial nordestina será analisada segundo a intensidade tecnológica incorporada aos produtos da pauta dos fluxos comerciais, revelando a estrutura produtiva/inovativa vigente na Região.

A classificação, segundo intensidade tecnológica foi adaptada pela FUNCEX e segue metodologia elaborada, e posteriormente atualizada, pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os setores da indústria de transformação são desagregados em diferentes níveis tecnológicos de acordo com os gastos em atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D). Posteriormente, essa classificação foi atualizada considerando, na categoria de alta intensidade tecnológica, a tecnologia incorporada nos bens de capital e bens intermediários utilizados na elaboração desses produtos (FUNCEX, 2016).

Os produtos da indústria de transformação são agrupados nos seguintes níveis de intensidade tecnológica⁵:

Alta intensidade (AIT)	Aeronáutica e aeroespacial, Armamentos, Computadores e máquinas de escritório (parcial), Eletrônica e telecomunicações (parcial), Farmacêutica e medicamentos (parcial), Instrumentos científicos, Máquinas elétricas (parcial), Máquinas não elétricas (parcial), Químicos (parcial);
Média-alta intensidade (MAIT)	Produtos químicos e farmacêuticos (parcial), Veículos automotores, Outro material de transporte (parcial), Máquinas e equipamentos (parcial), Máquinas, equipamentos e material elétrico (parcial), Material de escritório e informática (parcial), Material e aparelhos eletrônicos e de comunicações (parcial), Instrumentos diversos (parcial);
Média-baixa intensidade (MBIT)	Borracha e produtos plásticos, Metais ferrosos, Metais não ferrosos, Produtos minerais não metálicos, Produtos metálicos, Refino de petróleo, Construção e reparação naval, Produtos manufaturados diversos;
Baixa intensidade (BIT)	Alimentos, bebidas e fumo, Madeira e seus produtos; Papel e celulose; Gráfica, Têxtil, Couro e calçados, Produtos manufaturados não especificados;
Resíduo	Demais produtos.

Os produtos onde a classificação por intensidade tecnológica não se aplica pois não pertencem a indústria da transformação são agrupados na categoria Produtos Não Industrializados (NI): Agricultura, pecuária, pesca, extrativa florestal e mineral; Desperdícios e resíduos, Demais (bens usados, reciclados e outros).

⁵ Ver nota metodológica:
http://www.funcexdata.com.br/br/notas/nv2_comsegintensidadetech.pdf

A Tabela 7, mostra as transações comerciais com exterior da Região Nordeste segundo a intensidade tecnológica durante o período de 2008 a 2017.

Tabela 7 - Exportação, importação e saldo segundo classificação de produtos em categorias de intensidade tecnológica (Em US\$ milhões) - Nordeste - 2008 a 2017

Categorias de intensidade tecnológica	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Exportação	15.452	11.616	15.868	18.830	18.773	17.270	15.914	14.655	12.814	16.761
Não industriais	3.024	2.453	4.085	4.663	4.533	3.077	3.425	3.721	2.503	3.890
Baixa	4.776	4.197	5.300	5.990	5.367	4.695	5.055	4.788	4.228	4.559
Média-baixa	4.789	2.649	3.505	5.236	5.958	6.567	4.511	3.719	3.604	4.708
Média-alta	2.586	2.036	2.616	2.519	2.503	2.594	2.579	2.115	2.102	3.121
Alta	30	114	112	89	77	87	83	157	256	350
Demais produtos	246	168	249	333	335	250	261	156	121	134
Importação	15.526	10.796	17.579	24.156	26.007	27.740	28.724	21.427	17.540	19.420
Não industriais	2.301	1.691	2.623	3.122	2.450	3.576	3.728	4.323	2.996	3.152
Baixa	1.066	937	1.365	2.004	1.923	1.752	1.788	1.405	1.207	1.406
Média-baixa	6.394	3.307	6.829	10.391	12.618	12.692	13.603	7.720	5.016	6.703
Média-alta	4.856	4.069	5.876	7.561	7.919	8.629	8.374	6.966	7.330	7.100
Alta	909	791	886	1.077	1.096	1.091	1.231	1.013	990	1.059
Saldo	-75	821	-1.711	-5.325	-7.233	-10.470	-12.810	-6.772	-4.726	-2.659
Não industriais	723	762	1.462	1.541	2.083	-498	-304	-602	-493	738
Baixa	3.710	3.260	3.935	3.986	3.443	2.943	3.268	3.383	3.021	3.154
Média-baixa	-1.605	-658	-3.324	-5.155	-6.659	-6.125	-9.092	-4.001	-1.413	-1.995
Média-alta	-2.270	-2.033	-3.260	-5.043	-5.416	-6.034	-5.795	-4.851	-5.228	-3.980
Alta	-879	-677	-774	-988	-1.019	-1.005	-1.147	-857	-735	-709

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

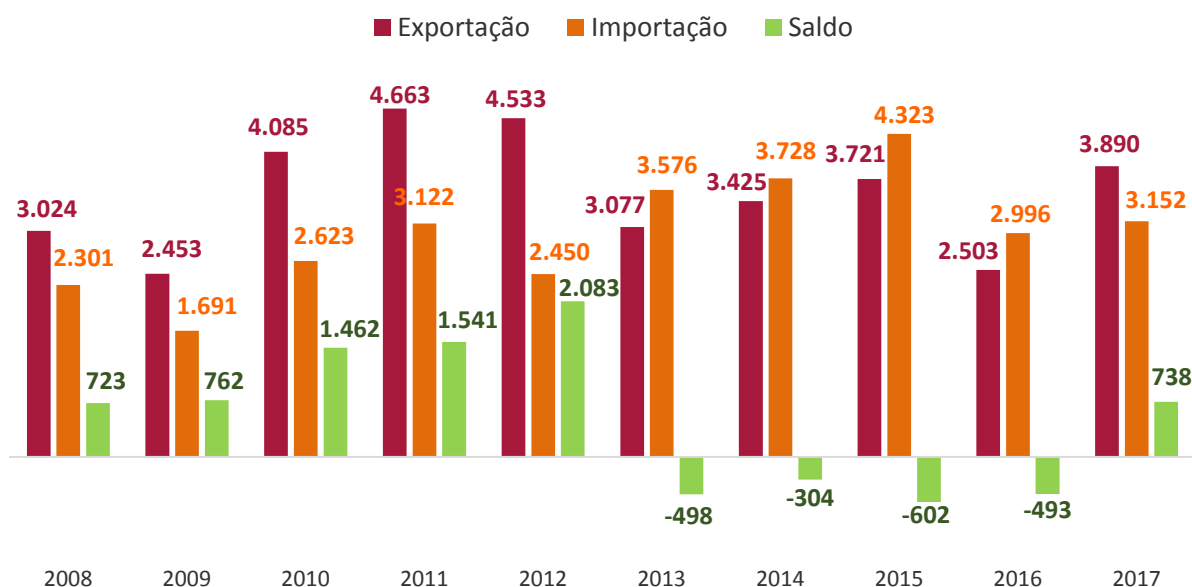
As exportações de produtos Não Industriais, que em 2008 representavam 19,6%, passou para 23,2%, em 2017, registrando aumento de 28,6% no período, bem superior ao registrado pelo total das vendas externas nordestinas (8,5%). Nesse grupo, destacam-se, principalmente, as exportações do principal item da pauta nordestina, soja, US\$ 2.200,6 milhões, representando 13,1% do total das vendas da Região, em 2017.

As oscilações ocorridas nas exportações nordestinas desse segmento, no período de 2008 a 2017, deveu-se, principalmente, às variações das cotações das *commodities* (como minério de ferro, soja, óleos brutos e petróleo, etc) no mercado internacional.

As importações de produtos Não Industriais, por sua vez, também registraram expressivo incremento de 37,0%, entre 2008 e 2017, superando a taxa de crescimento das aquisições totais (+25,1%). Os principais produtos Não Industriais importados, em 2017, foram: sulfetos de minérios de cobre (4,4%), hulha betuminosa, não aglomerada (2,9%), trigo (2,8%) e gás natural, liquefeito (2,5%).

O saldo das trocas comerciais nordestinas dos produtos Não Industriais registrou deficit durante o período de 2013 e 2016 após um vertiginoso crescimento entre 2008 a 2012 quando atingiu um superávit de US\$ 2.083 milhões. Em 2017, o saldo voltou a ficar positivo (+US\$ 738 milhões), porém, ainda abaixo do desempenho médio registrado no período de saldos positivos (Gráfico 22).

Gráfico 22 - Produtos não industriais: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

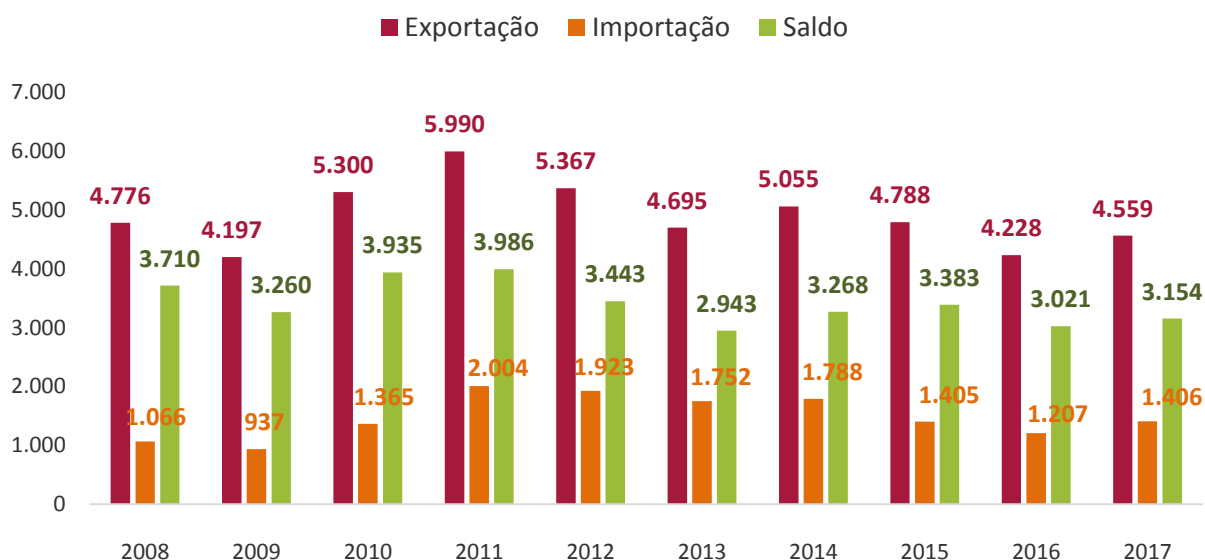
A participação das exportações de Produtos Industriais (excluídos os Demais Produtos) na pauta nordestina pouco se alterou no período em análise. Passou de 78,9%, em 2008, para 76,0% em 2017, queda de 3 p.p.

O segmento de Baixa intensidade tecnológica, em 2017, correspondeu a 27,2% da pauta de exportação. Relativamente a 2008, as vendas externas regionais retrocederam 4,5%. Nesse segmento, as exportações foram distribuídas, em 2017, entre os seguintes itens: Alimentos, bebidas e fumo (9,2% de participação outros açúcares de cana, óleo de soja, dentre outros), Madeira e seus produtos; papel e celulose; gráfica (11,7% - pasta química de madeira) e Têxtil, couro e calçados (5,6% - Curtimento de couro, fabricação de calçados de material sintético, etc).

Na pauta de importação, o segmento com 7,2% de participação, em 2017, teve como destaque, principalmente, as aquisições de diversos produtos da indústria de Alimentos, bebidas e fumo (3,8% do total) e Têxtil, couro e calçados (2,4%).

Em todo o período em análise, as relações comerciais do grupamento de produtos industriais de Baixa intensidade tecnológica registraram saldos superavitários (Gráfico 23), com destaque para Celulose e outras pastas para a fabricação de papel (US\$ 1.920,8 milhões, Açúcar em bruto (US\$ 529,5 milhões) e Calçados de material sintético (US\$ 307,9 milhões).

Gráfico 23 - Produtos industriais de baixa intensidade tecnológica: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

As exportações dos produtos de Média-baixa intensidade tecnológica atingiram, em 2017, US\$ 4.707,7 milhões (Gráfico 24), queda de 1,7% comparativamente ao montante vendido em 2008 (US\$ 4.789,5 milhões) e de 28,3%, frente às vendas de 2013, ano de maior valor (US\$ 6.566,8 milhões).

Vale ressaltar, entretanto, que o segmento possui a maior participação na pauta nordestina, com 28,1% do total exportado pela Região, em 2017, com significativa contribuição dos Metais ferrosos (8,6% - semimanufaturados de ferro e aço, etc), dos Metais não ferrosos (11,6% - alumina calcinada, cobre e derivados, etc) e do Refino de Petróleo (5,4% - óleo combustível, óleo diesel, etc).

Pelo lado das importações do segmento de Média-baixa intensidade (34,5% da pauta), foram destaque as aquisições da seção de refino de petróleo que, em 2017, representavam 28,1% do total das compras externas da Região (34,4% em 2008).

Os saldos comerciais desse grupo foram negativos ao longo dos últimos dez anos finalizados em 2017. Em 2014, alcançou o maior déficit (- US\$ 9.091,9 milhões), terminando a série em estudo com déficit de US\$ 1.994,9 milhões. Os maiores saldos negativos nesse segmento foram, em 2017, nos seguintes itens: refino de petróleo (- US\$ 2.078,4 milhões) e produtos derivados do petróleo, exceto produtos do refino (- US\$ 2.473,3 milhões).

Esses déficits são resultado da estrutura produtiva do parque de refino brasileiro e da política de preços dos combustíveis adotada, a partir de outubro de 2016, pela Petrobrás que segue a lógica do mercado internacional.

O parque existente é mais adequado para o refino de petróleo leve (*light*), utilizado para a produção de gasolina, diesel, nafta, querosene. Entretanto a maior parte do petróleo produzido no Brasil é

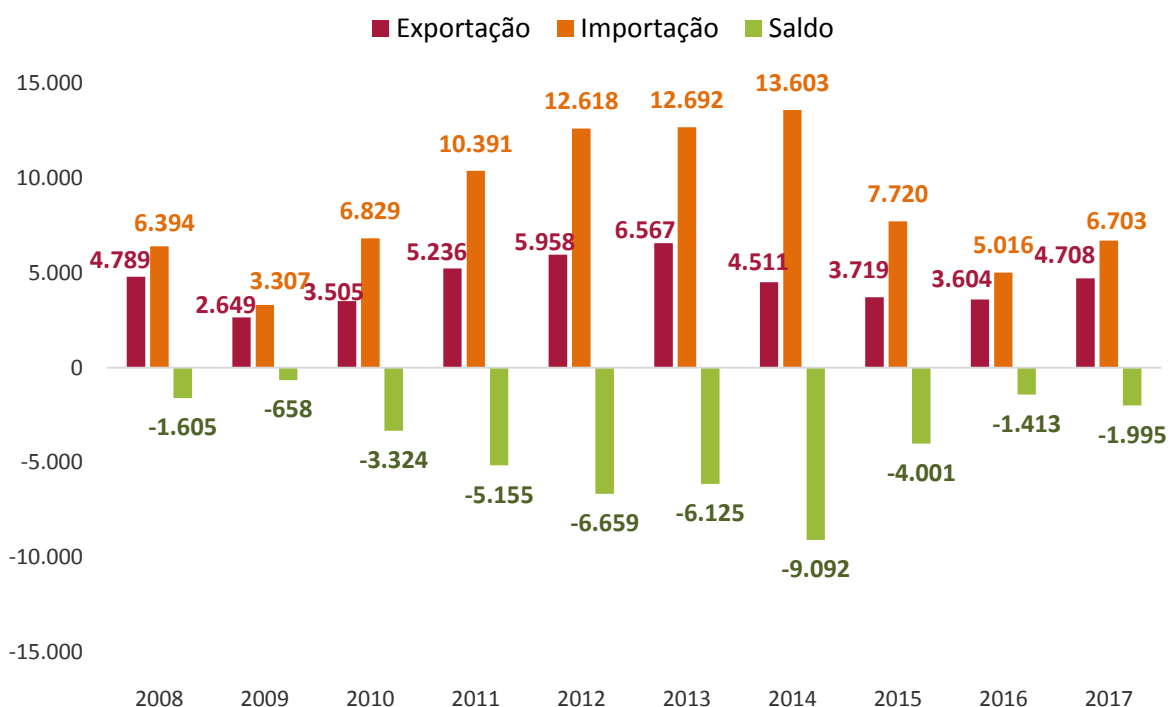
considerado pesado (*heavy*), mais difícil de refinar e mais propício à produção de asfalto (Viana, 2018). Desse modo, as refinarias brasileiras misturam o petróleo produzido internamente com o importado.

Em 2017, o parque de refino brasileiro contava com 17 refinarias, cujo fator de utilização foi de 76,2%, considerando o petróleo processado no ano. Do petróleo total processado, 91,9% foram de origem nacional e 8,1% importada. As refinarias localizadas no Nordeste foram responsáveis por 19,2% do volume refinado de petróleo no Brasil: Rlam - Refinaria Landulpho Alves (BA) - 12,5%; Rnest - Refinaria Abreu e Lima1 (PE) - 4,3%; RPCC - Refinaria Potiguar Clara Camarão (RN) - 1,9%; Lubnor - Lubrificantes e Derivados de Petróleo do Nordeste (CE) - 0,4% e DaxOil - DaxOil Refino S.A.- 0,1%, única de capital privado.

A Petrobrás domina, praticamente, todo o setor de extração e refino de petróleo no Brasil e define a política de preços do combustível nas suas refinarias. Entretanto, as distribuidoras podem optar por importar o combustível, caso o preço seja mais competitivo no exterior, em vez de comprar internamente.

Além disso, para abastecer a Região Nordeste, algumas distribuidoras preferem importar, por ser mais vantajoso por ter menor custo logístico, do que comprar de alguma refinaria localizada no sudeste do País.

Gráfico 24 - Produtos industriais de média-baixa intensidade tecnológica: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



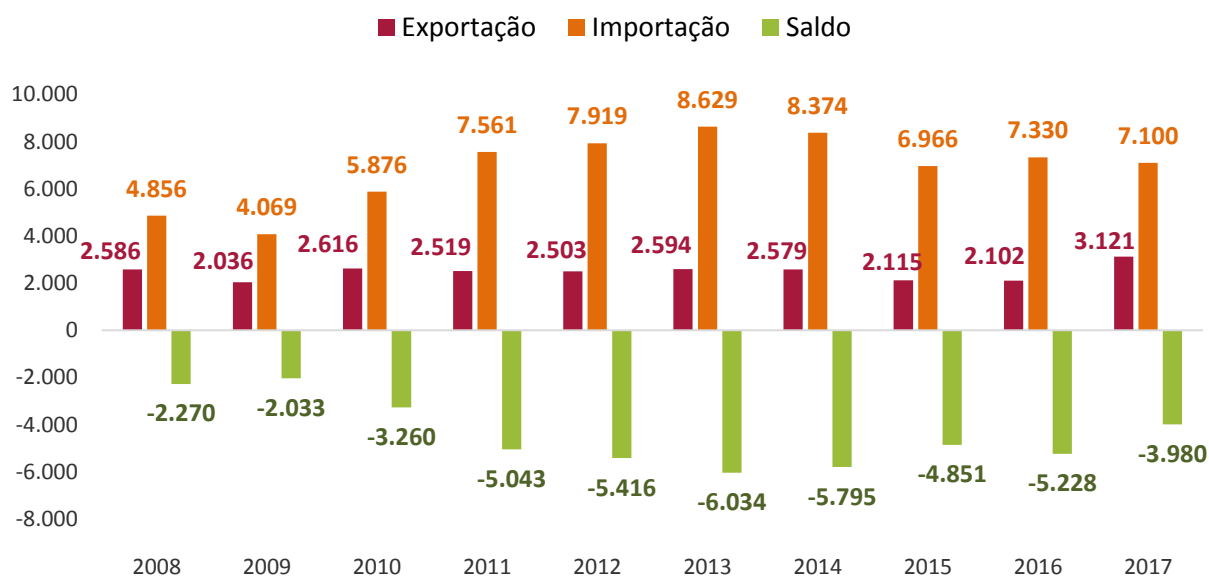
Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

As exportações de Produtos químicos e farmacêuticos (8,5% do total da pauta nordestina) e de Veículos automotores (8,1%) foram as mais representativas do segmento industrial de Média-alta intensidade tecnológica, em 2017. No período em análise, as vendas externas do segmento cresceram 20,6%.

Do mesmo modo, também foram destaques, em 2017, nas importações dessa faixa de intensidade, os Produtos químicos e farmacêuticos (17,6% do total) e de Veículos automotores (11,2%). Frente a 2008, as aquisições registraram crescimento de 40,2%.

Vale ressaltar que o segmento de Média-alta intensidade foi o que apresentou o maior déficit no intercâmbio comercial (-US\$ 3.980 milhões), em 2017 (Gráfico 25). Foram registrados saldos negativos, principalmente, nas transações de Produtos químicos e farmacêuticos: Fabricação de álcool (- US\$ 763,9 milhões) e Fabricação de intermediários para fertilizantes (- US\$ 663,8 milhões). Já nos Veículos automotores, os déficits foram maiores nos itens: Fabricação de peças e acessórios para os sistemas de marcha e transmissão de veículos automotores (- US\$ 355,1 milhões) e Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores não especificados anteriormente (- US\$ 248,5 milhões).

Gráfico 25 - Produtos industriais de média - alta intensidade tecnológica: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



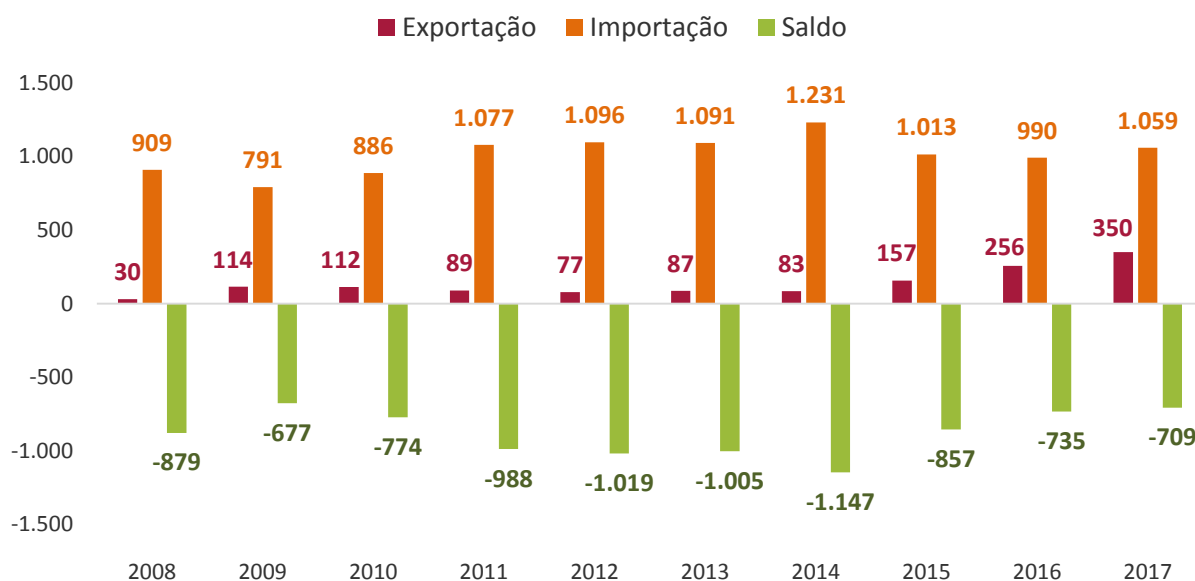
Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

As exportações de produtos classificados como de Alta tecnologia, apesar da pequena representatividade na pauta nordestina, foram as que mais cresceram no período de 2008 a 2017, passando de US\$ 29,5 milhões para US\$ 349,9 milhões (Gráfico 26). Ou seja, incremento de 1.084% nesse período, devido, principalmente, à venda de resinas termoplásticas (1,2% do total exportado) e de catalisadores (0,8%).

Do mesmo modo, a participação das importações de produtos de maior densidade tecnológica no total da Região é muito pequena e dispersa em vários produtos. Em 2017, correspondia a 5,5% do total das aquisições externas nordestinas (5,9% em 2008), sendo destaque o segmento de Eletrônicos e telecomunicações (2,1%).

Os maiores déficits do segmento foram registrados na Fabricação de componentes eletrônicos (US\$ 245,6 milhões), Fabricação de aparelhos e equipamentos de medida, teste e controle (US\$ 157,7 milhões) e Fabricação de medicamentos para uso humano (US\$ 143,6 milhões).

Gráfico 26 - Produtos industriais de alta intensidade tecnológica: Exportação, importação e saldo (em US\$ milhões FOB) - Nordeste: 2008 a 2017



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

A Tabela 8 mostra a distribuição e participação das classe de produtos segundo as categorias de intensidade tecnológica para os anos de 2008 e 2017.

Tabela 8 - Exportação e Importação segundo classificação de produtos em categorias de intensidade tecnológica (Participação %) - Nordeste - 2008 e 2017

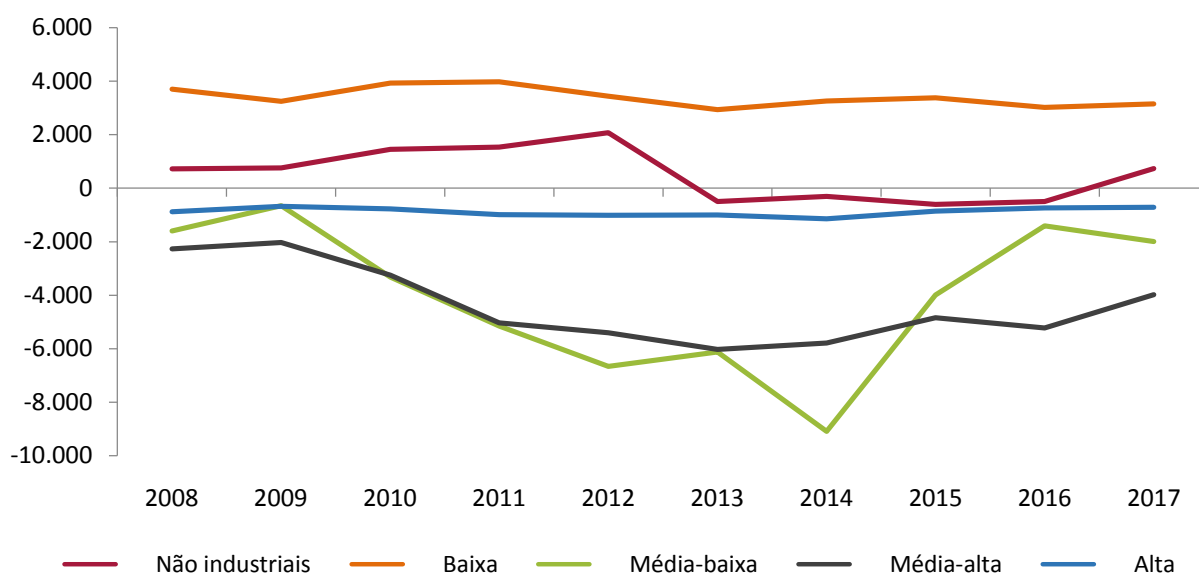
Categorias de Intensidade	Exportações		Importações	
	2008	2017	2008	2017
Não industriais	19,6	23,2	14,8	16,2
Agricultura, pecuária, pesca, extrativa florestal e mineral	18,9	22,3	14,8	16,2
Desperdícios e resíduos	0,5	0,9	0,0	0,0
Demais (bens usados, reciclados e outros)	0,1	0,0	0,0	0,0
Baixa	30,9	27,2	6,9	7,2
Alimentos, bebidas e fumo	12,2	9,2	3,4	3,8
Madeira e seus produtos; papel e celulose; gráfica	9,9	11,7	0,8	0,5
Têxtil, couro e calçados	8,0	5,6	2,4	2,4
Produtos manufaturados não especificados	0,9	0,7	0,3	0,5
Média-baixa	31,0	28,1	41,2	34,5
Borracha e produtos plásticos	2,2	1,7	1,0	2,0
Metais ferrosos	7,3	8,6	4,0	1,9
Metais não ferrosos	12,3	11,6	1,0	0,8
Produtos minerais não-metálicos	0,7	0,4	0,4	0,8
Produtos metálicos	0,3	0,4	0,1	0,4
Refino de petróleo	8,1	5,4	34,4	28,1
Construção e reparação naval	0,0	0,0	0,0	0,1
Produtos manufaturados diversos	0,0	0,0	0,3	0,4
Média-alta	16,7	18,6	31,3	36,6
Produtos químicos e farmacêuticos	11,0	8,5	16,1	17,6
Veículos automotores	4,3	8,1	7,2	11,2
Outro material de transporte	0,0	0,0	0,8	0,2
Máquinas e equipamentos	0,6	1,2	4,5	3,7
Máquinas, equipamentos e material elétrico	0,8	0,7	2,1	2,9
Material de escritório e informática	0,0	0,0	0,0	0,0
Material e aparelhos eletrônicos e de comunicações	0,0	0,0	0,4	0,6
Instrumentos diversos	0,0	0,0	0,3	0,3
Alta	0,2	2,1	5,9	5,5
Aeronáutica e aeroespacial	0,0	0,0	0,2	0,3
Computadores e máquinas de escritório	0,0	0,0	0,0	0,0
Eletrônica e telecomunicações	0,1	0,0	1,7	0,2
Farmacêutica	0,0	0,0	1,5	2,1
Instrumentos científicos	0,0	0,0	0,1	0,8
Máquinas elétricas	0,0	0,0	1,1	1,1
Máquinas não elétricas	0,0	0,0	0,1	0,2
Químicos	0,1	2,1	0,1	0,2
Demais produtos	1,6	0,8	1,1	0,6
Demais produtos	1,6	0,8	-	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Considerações finais

No período em análise, o saldo da balança comercial dos produtos Não industriais apresentou déficits entre os anos de 2013 a 2016. Já o resultado das transações comerciais dos setores industriais por intensidade tecnológica mostra-se deficitário para os produtos da indústria de maior conteúdo tecnológico, como os produtos de média-baixa, média-alta e de alta intensidade tecnológica. Enquanto, o comércio de produtos de baixo conteúdo tecnológico manteve-se superavitário durante o período em análise (Gráfico 27).

Gráfico 27 - Saldo da balança comercial segundo a intensidade tecnológica dos produtos - Nordeste - 2008 a 2017 (US\$ milhões)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2018).

Vale ressaltar que 78,5% do total das exportações nordestinas, em 2017, foram de produtos não industriais e de produtos com baixa e média baixa tecnologia. São, portanto, produtos com baixo valor agregado e que demandam poucos investimentos em P&D, sujeitos à variação dos preços internacionais (pois são constituídas, principalmente, de commodities ou de produtos de indústrias tradicionais) e ao padrão de consumo dos demais países. Competem pela disponibilidade dos recursos e no preço que gera vantagem comparativa. O aumento da produtividade dos fatores é essencial para a inserção e manutenção desses produtos no mercado externo.

Já as exportações das indústrias de média-alta e alta intensidade tecnológica representaram 18,6% e 2,1%, respectivamente, do valor total exportado pelo Nordeste, em 2017. Os produtos destas indústrias, por terem maior conteúdo tecnológico, possuem vantagem competitiva e concorrem no mercado internacional através da qualidade e diferenciação de produtos, inovação, *marketing*, etc. São destaques nesses segmentos as indústrias de produtos farmacêuticos, químicos e automotivos.

Conclusão

As diversas análises desenvolvidas neste trabalho procuraram caracterizar as trocas comerciais externas nordestinas, visando identificar as mudanças nas pautas de exportação e importação e os déficits da balança comercial, segundo diferentes óticas, ao longo de 10 anos (2008 a 2017).

No período em análise, ao contrário do resultado superavitário brasileiro, a balança comercial da Região apresentou saldo positivo apenas em 2009 (US\$ 820,6 milhões), ano em que registrou o menor nível de exportação e de importação, ou seja, menor intensidade no relacionamento internacional, resultado da crise financeira global.

Partindo da análise setorial, foi possível identificar que a indústria de transformação foi a responsável pelos maiores saldos comerciais negativos da Região, puxados, principalmente pelos seguintes setores: Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-US\$ 5.321 milhões); Produtos químicos (-US\$ 976 milhões); Veículos automotores, reboques e carrocerias (-US\$ 742 milhões); Equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (-US\$ 741 milhões); Máquinas e equipamentos e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-US\$ 724 milhões).

Já as relações comerciais da Região Nordeste com os principais parceiros, no ano de 2017, foram superavitárias com a China (+US\$ 1.237 milhões), Canadá (+US\$ 725 milhões), Países Baixos (+US\$ 383 milhões), Argentina (+US\$ 253 milhões) e Bélgica (+US\$ 234 milhões). Por outro lado, foram deficitárias com os Estados Unidos (-US\$ 2.235 milhões), Argélia (-US\$ 1.051 milhões), Chile (-US\$ 377 milhões), Peru (-US\$ 332 milhões) e México (-US\$ 307 milhões).

Vale ressaltar que as relações bilaterais Nordeste-China mostra a fragilidade da inserção comercial da Região com seu principal parceiro. As exportações estão concentradas em *commodities*, vulneráveis às oscilações dos preços internacionais e ao ritmo do crescimento da economia chinesa, ao passo que as importações, principalmente, daquelas com maior conteúdo tecnológico, são menos suscetíveis à deterioração dos preços. Por seu turno, os maiores déficits ocorreram nas transações internacionais com os Estados Unidos e Argélia devido às significativas importações de combustíveis e lubrificantes.

Segundo as categorias econômicas, que sinalizam o destino e uso dos bens transacionados, os Combustíveis e Lubrificantes (-US\$ 3.605 milhões) e Bens de Capital (-US\$ 990 milhões) apresentaram saldo negativo em todos os anos considerados. Estas foram responsáveis, na média de 2008 a 2017, por 92% da contribuição negativa para o saldo do período, 61% no caso dos Combustíveis e Lubrificantes e 31%, dos bens de capital. Em 2017, os Combustíveis e Lubrificantes responderam por 78% da parte negativa do saldo total.

A observação a partir do fator agregado identificou que os produtos básicos e semimanufaturados apresentaram contribuições positivas na balança comercial da Região enquanto os produtos manufaturados que possuem maior grau de elaboração registraram déficit no período analisado.

Os produtos que mais contribuíram com este déficit, em 2017, foram: Naftas (- US\$ 1,9 bilhão); Óleos combustíveis, tais como óleo diesel e "fuel-oil" (- US\$ 936 milhões); Gasolina (- US\$ 894 milhões); Etanol (- US\$ 764 milhões); Partes e peças para veículos automóveis e tratores (- US\$ 655 milhões); Gás natural liquefeito (- US\$ 484 milhões); Gás propano liquefeito (- US\$ 422 milhões), dentre outros.

O resultado das transações comerciais dos setores industriais por intensidade tecnológica mostrou-se deficitário para os produtos da indústria de maior conteúdo tecnológico, como os produtos de média-baixa, média-alta e de alta intensidade tecnológica. Os saldos negativos mais significativos, em 2017, foram na classe de média-baixa: refino de petróleo (- US\$ 2.078,4 milhões) e produtos derivados do petróleo, exceto produtos do refino (- US\$ 2.473,3 milhões). Por outro lado, o comércio de produtos de baixo conteúdo tecnológico manteve-se superavitário durante o período em análise.

Em resumo, a Região Nordeste possui superávits, com destaque, nas transações comerciais com seguintes produtos (dados de 2017): Soja (+US\$ 2.201 milhões), Celulose (+US\$ 1.921 milhões), Metalurgia do alumínio e suas ligas (+US\$ 1.204 milhões), Semi acabados de aço (+US\$ 1.073 milhões) e Açúcar em bruto (+US\$ 529 milhões).

Em contrapartida, os déficits apresentados resultaram da comercialização de Produtos derivados do petróleo (-US\$ 2.473 milhões), de Produtos do refino de petróleo (-US\$ 2.078 milhões), de Minerais metálicos não ferrosos (-US\$ 815 milhões), de Álcool (-US\$ 764 milhões) e de Fertilizantes (-US\$ 664 milhões).

Esses resultados mostram, por um lado, o peso das *commodities* na pauta exportadora da Região, e de outro, a grande dependência da importação de combustíveis e lubrificantes. Esse quadro mostra, ainda, a atual configuração da estrutura produtiva da Região. O significativo peso das importações de combustíveis e lubrificantes reflete a capacidade e limitações do parque de refino da Região bem como as oscilações da comercialização externa do produto que variam de acordo com o nível de produção interna, capacidade de refino, política interna de preços, taxa de câmbio, preço internacional da *commodity*, oferta mundial e concorrência entre as distribuidoras.

Referências bibliográficas

BACEN (Banco Central do Brasil). 6ª edição do Manual de Balanço de Pagamentos e Posição de Investimento Internacional (BPM6). Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pt-br/#/n/6MANBALPGTO>. Acesso em: 06 de ago. de 2018.

CASSANO, F. A. A teoria econômica e o comércio internacional. **PESQUISA & DEBATE**, SP, volume 13, n. 1(21), p. 112-128, 2002.

ESTEVADEORDAL, A., BLYDE, J. e SUOMINEN, K. As cadeias globais de valor são realmente globais? Políticas para acelerar o acesso dos países às redes de produção internacionais. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, v. 27, n. 115, p. 6-25, 2013. Disponível em: http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/115_AEJBKS.pdf.pdf. Acesso em 20 ago. 2018.

FIEMA. PERFIL DO COMÉRCIO EXTERIOR MARANHENSE 2018. São Luís. <https://www.fiema.org.br/uploads/revista/7042/AykpngYe-eGIMvqbMOD-z9LGwgZml-Qj.pdf>

FMI (Fundo Monetário Internacional). **Balance of payments and international investment position manual**— Washington, D.C.: International Monetary Fund, 6th Ed, 2009.

FONTENELE, A. M. e MELO, M. C. P. **Inserção internacional da economia cearense**: potencialidades e limites para o crescimento. Fortaleza: Banco do Nordeste S.A., 2004.

FUNCEXDATA. Estatísticas de comércio exterior. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 16 mar. 2018 (Acesso Restrito).

_____. Notas explicativas para as Características dos Produtos. Classificação de produtos segundo Divisões da CNAE (CNAE 2 dígitos). Disponível em: http://www.funcexdata.com.br/br/notas/nv2_setorativsegcnae2dig.pdf.

_____. Nota explicativa para área de indicadores: Comércio segundo a intensidade tecnológica dos produtos. Funcex. Disponível em: http://www.funcexdata.com.br/br/notas/nv2_comsegintensidadetech.pdf Acesso em: 19 out 2018.

GONÇALVES, R. A teoria do comércio internacional: uma resenha. *Economia Ensaios*, v. 12, n.1, p. 3-20, 1997. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/oldroot/hpp/intranet/pdfs/texto_no._3_resenha_comercio_internacional.pdf. Acesso em: 07 de ago. de 2018.

MDIC (Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços). Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/noticias/3223-exportacoes-brasileiras-crescem-acima-da-media-mundial>>. Acesso em 24 de ago. 2018.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) Classificação da Secretaria de Comércio Exterior por Grandes Categorias Econômicas – CGCE, Nota Metodológica DESEX/SECEX/CGET nº 001, 2016. Disponível em:

www.mdic.gov.br/balanca/metodologia/Nota_CGCE.pdf

VERNON, R. International investments and international trade in the product cycle. **Quarterly Journal of Economics**, 80, 190-207, 1966.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airtton Saboya Valente Junior. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire e Liliâne Cordeiro Barroso. Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: Rodrigo Fernandes Ribeiro. Jovem Aprendiz: Yago Carvalho Lima.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação serão de responsabilidade exclusivamente do usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.